

Diversidade cultural e conflitos contemporâneos

Maurício Cardoso



Cadernos EJA Ensino Médio
EIXO DIVERSIDADES



Pacto pela
Superação do
Analfabetismo
e Qualificação na Educação
do Jovem e Adulto

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO





Cadernos EJA Ensino Médio

Diversidade cultural e conflitos contemporâneos

Mauricio Cardoso

Professor de História formado pela Universidade de São Paulo (USP), em 1996. Fez mestrado e doutorado, dando continuidade aos estudos na área de cinema brasileiro. Deu aulas na Educação Básica, em escolas públicas e privadas, na Educação de Jovens e Adultos e em faculdades. Atualmente, é professor de “Ensino de História” na USP. É autor de livros didáticos e de outros livros a partir de suas pesquisas acadêmicas.



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO





MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Publicado em 2025 pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi/Ministério da Educação – MEC)

Cadernos EJA Ensino Médio: Diversidade cultural e conflitos contemporâneos

Autor: Mauricio Cardoso

© Ministério da Educação, 2025



Esta publicação está disponível em acesso livre ao abrigo da licença Attribution-ShareAlike 3.0 IGO (CC-BY-SA 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>). Ao utilizar o conteúdo da presente publicação, os usuários aceitam os termos de uso do Repositório Unesco de acesso livre (www.unesco.org/open-access/terms-use-ccbysa-port).

Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito do Projeto Acordo MEC-UNESCO 914BRZ1152.

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica, nome ou soberania de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

As ideias e as opiniões expressas nesta publicação são as do autor e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, DIVERSIDADE E INCLUSÃO (SECADI/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC)

Secretária

Zara Figueiredo

Diretoria de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos

Cláudia Costa (diretora)

Mariângela Graciano (coordenadora-geral da Educação de Jovens e Adultos)

COORDENAÇÃO TÉCNICA DA REPRESENTAÇÃO DA UNESCO NO BRASIL

Marlova Jovchelovitch Noleto (diretora e representante)

Maria Rebeca Otero Gomes (coordenadora do setor de Educação)

Lorena Carvalho (oficial de projetos)

Revisão técnica da UNESCO no Brasil

Célio da Cunha (consultor)

Coordenação pedagógica/editorial

Roberto Catelli Jr.

Preparação dos originais

Juliana Vegas Chinaglia

Revisão técnica

Madrigais Editorial

Iconografia

Aeroestúdio

Vanessa Trindade

Projeto gráfico e diagramação

Aeroestúdio

Imagens de capa

casa.da.photo/Shutterstock (fundo)

Angela_Macario/Shutterstock (detalhe)

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166
C268d

Cardoso, Mauricio

Diversidade cultural e conflitos contemporâneos / Mauricio Cardoso. –
Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2025.

(Cadernos EJA Ensino Médio)

Livro em PDF

ISBN 978-65-83741-10-3

1. Educação de jovens e adultos. 2. Ensino Médio. 3. Diversidade cultural.
I. Cardoso, Mauricio. II. Título.

Índice para catálogo sistemático
I. Educação de jovens e adultos

CDD 374

Apresentação

A produção dos Cadernos EJA Ensino Médio faz parte das estratégias previstas no Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos, política pública construída de forma colaborativa pelo Ministério da Educação (MEC), pelos estados, pelo Distrito Federal e pelos municípios.

O Pacto estimula a ação intersetorial, articulando diferentes atores – estatal, setor produtivo e entidades do terceiro setor – com vistas a fortalecer a política de Educação de Jovens e Adultos (EJA), tanto na perspectiva de lidar com os altos índices de analfabetismo com os quais o país convive, quanto na elevação da escolaridade das pessoas com 15 (quinze) anos ou mais, incluindo-se aí a conclusão do Ensino Médio.

Os Cadernos EJA Ensino Médio foram produzidos por especialistas em cada um dos temas selecionados, definidos por sua relevância para a formação de jovens e adultos, tendo em vista os desafios das sociedades contemporâneas e dos indivíduos em seus contextos de vida. Por isso, os Cadernos tratam de temas como cultura digital, uso da matemática e da língua portuguesa na vida cotidiana, saúde, trabalho, diversidades, política e vários outros temas, estimulando os estudantes à reflexão crítica de sua realidade.

É importante registrar que estes Cadernos têm como premissa, propor aprendizagens significativas, que possibilitem o desenvolvimento pessoal, acadêmico, profissional e social. As leituras e atividades propostas procuram lançar perguntas sobre diferentes aspectos da inserção do indivíduo na vida social. As respostas, contudo, não estão prontas, nem podem ser decoradas, pois vão depender do diálogo entre estudantes e professores(as). Para isso, em cada Caderno é desenvolvida uma proposta de pesquisa, que será uma forma de estudar o mundo que nos cerca realizando perguntas e construindo diferentes metodologias presentes nas várias áreas do conhecimento. Além disso, os Cadernos apresentam atividades que instigam a construção de intervenção na realidade em que vivem, demonstrando que não basta conhecer, é preciso aprender a aplicar estes conhecimentos no mundo social.

Com base nessas propostas, os Cadernos pretendem contribuir para que os estudantes da EJA do Ensino Médio possam desenvolver o que o educador

Paulo Freire insistia em denominar como autonomia, a capacidade de pensar por si mesmo e tomar decisões com base na reflexão e no diálogo de uns com os outros.

Ao se dirigir aos educadores, Paulo Freire, insiste ainda na necessidade de ensinar e não de transferir conhecimentos. Nesse processo, o diálogo se estabelece como ponte para a autonomia. É necessário que os saberes dos educandos sejam respeitados e que os conhecimentos deles sejam tomados como ponto de partida para o diálogo. Esse é o princípio que orienta os Cadernos EJA Ensino Médio.

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (Paulo Freire, Pedagogia da autonomia, 1996, p. 21).

Zara Figueiredo

Secretária da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização
de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi)

Caro(a) estudante,

Este Caderno propõe uma reflexão sobre a diversidade cultural da sociedade brasileira a partir da nossa história e do tempo presente. Quando se fala em diversidade, não estão em jogo apenas as diferenças entre as pessoas e os grupos sociais, mas também as lutas e os desafios que surgem dessas diferenças. Por isso, será abordada a relação entre diversidade e conflito, pois, para muita gente, não é fácil expressar a sua cultura com liberdade e respeito.

Começamos com a pergunta: O que é diversidade? Vamos entender como somos diversos, mas também como as nossas semelhanças nos conectam, e por que a diversidade cultural pode gerar tanto medo e resistência, principalmente contra grupos historicamente marginalizados.

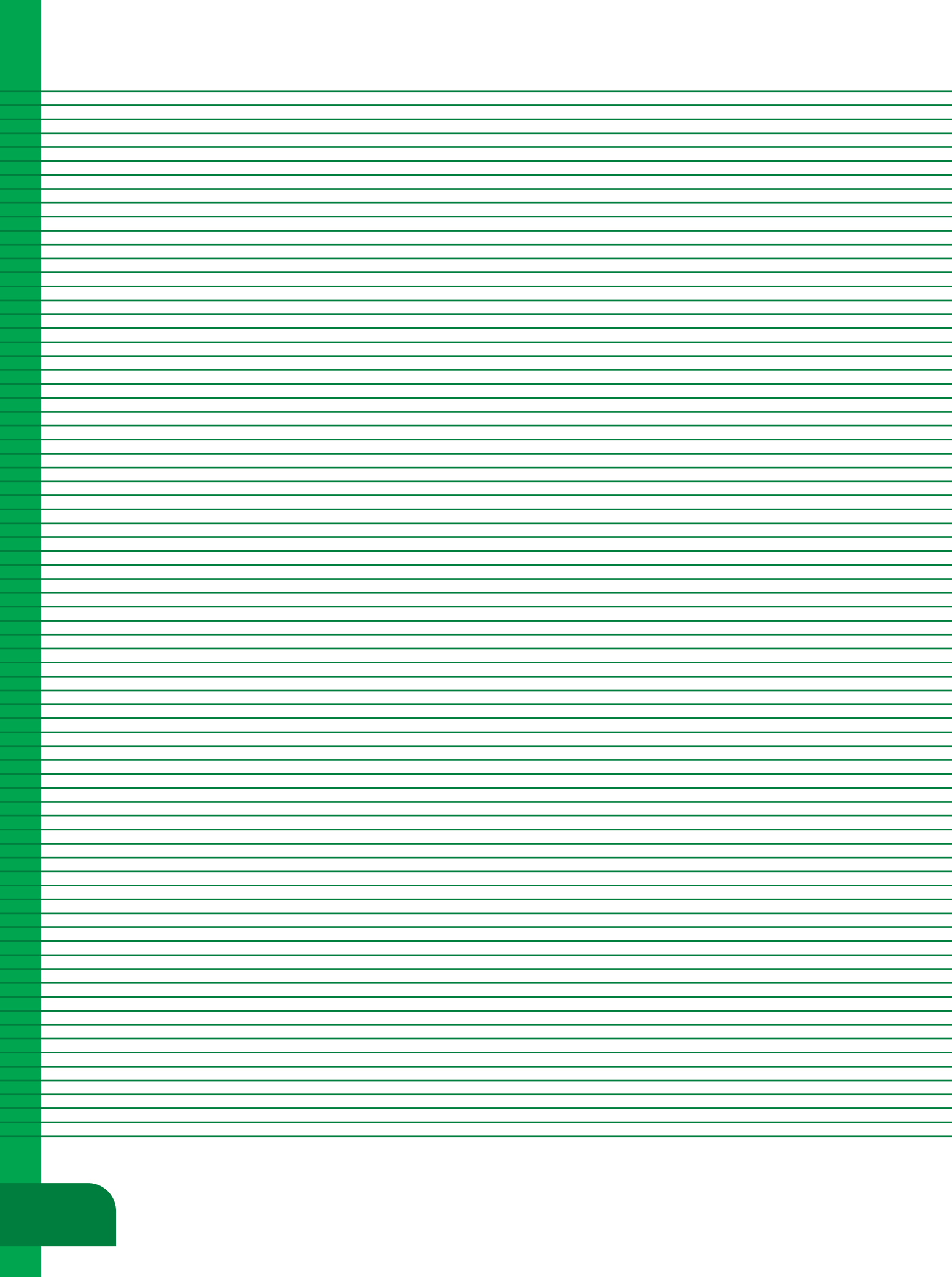
Na sequência, vamos debater as várias diversidades do Brasil, a partir das diferenças entre as culturas urbanas e rurais, as culturas periféricas e tradicionais, e como a cor e a raça ainda marcam profundamente a desigualdade na nossa sociedade.

Na sequência, serão tratadas as diversidades no conflito, em que será discutido como a formação da sociedade brasileira está diretamente ligada às desigualdades que se expressam nas lutas de afrodescendentes e indígenas. São essas lutas pelo direito de existir, pelo direito de ser diferente e de ser respeitado, que moldam as nossas realidades e nos mostram como a diversidade também envolve enfrentar injustiças.

Por fim, o Caderno traz um roteiro de pesquisa para você conhecer melhor a diversidade na região onde você vive ou estuda. Isso pode ajudá-lo(a) a entender como as diferentes práticas, saberes e valores se manifestam nas organizações culturais da sua “quebrada”.

Prepare-se para refletir sobre a nossa realidade marcada, ao mesmo tempo, pelas diferenças e pelos conflitos. Vamos juntos nessa jornada de aprendizagem e reflexão?

O Autor.



Sumário

9 O que significa diversidade cultural?

10 Mãos que transformam o mundo

10 Humanos: diversos, mas semelhantes

13 Quem tem medo da diversidade cultural?

15 As muitas diversidades do Brasil

15 Um país continental

18 Culturas urbanas e culturas rurais

24 Culturas periféricas, culturas tradicionais

27 Diversidade populacional: cor, raça e muito mais

31 Diversidades em conflito

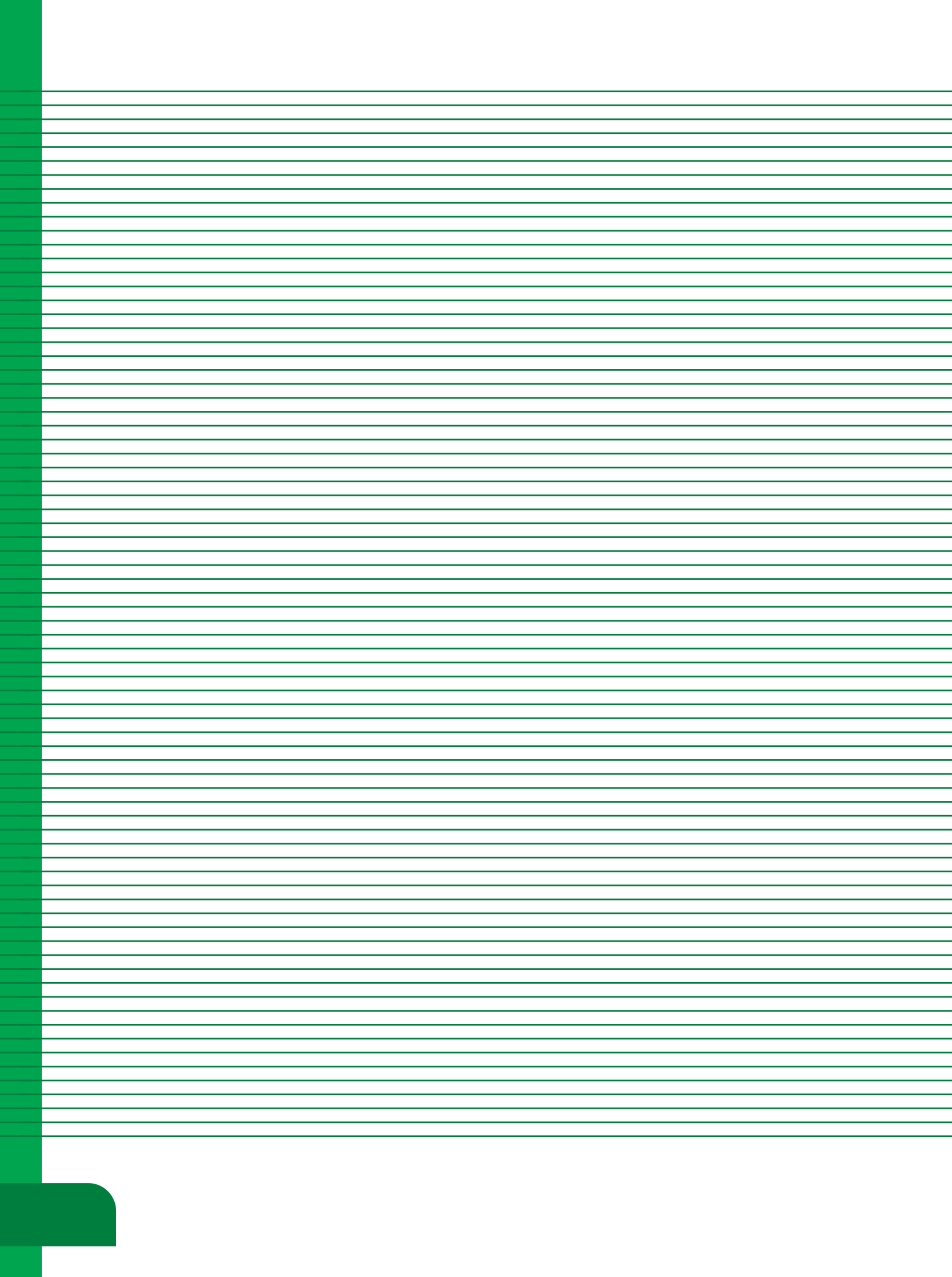
31 A formação da sociedade brasileira

33 A presença negra no Brasil

42 As lutas dos povos indígenas

48 Pesquisa

53 Referências bibliográficas



O que significa diversidade cultural?

Observe as imagens a seguir e discuta com os colegas sobre o que elas representam.

PARALAXIS/Shutterstock



Mãos de um trabalhador com castanha do Pará, na região amazônica, 2020.



Fred S. Pinheiro/Shutterstock

Músico tocando acordeão durante festival de rua, em Belo Horizonte, Minas Gerais, 2024.

Talita Santana Campos/Shutterstock



Pessoas unindo as mãos, em encontro em São Paulo, 2022.



ThalesAntonio/Shutterstock

Poteiro trabalhando com cerâmica, em Maragogipinho, Bahia, 2018.

Alf Ribeiro/Shutterstock



Homem segurando laço de couro, em Barra do Quaraí, Rio Grande do Sul, 2023.

Mãos que transformam o mundo

Você já observou com atenção as próprias mãos? Vale a pena parar a leitura e dar uma boa olhada nelas. Observe as suas palmas e os dorsos, o contorno dos dedos e das unhas, a articulação das falanges. O que você vê? Como são as linhas, rugas e manchas das suas mãos? Você consegue observar as veias e artérias, os ossos debaixo da pele, envolvidos com os músculos? Como são suas unhas: compridas ou curtas? E as cutículas são bem cuidadas ou deixadas à própria sorte?

Agora, relembre as ações cotidianas que você realiza utilizando as mãos. Quantas capacidades elas mobilizam: digitar, apertar, espremer, esfregar, segurar, bater, acariciar? Pense nos gestos delicados, firmes, macios, duros, prolongados, ágeis que lhe permitem se alimentar, beber água, cuidar da higiene, cuidar da casa, vestir-se ou despir-se, comunicar-se, acariciar.

Se você não tem uma das mãos, ou as duas, que partes do seu corpo você mobiliza para realizar estas ações cotidianas? Como você adquiriu novas habilidades para pegar objetos, vestir-se, alimentar-se ou estudar?

Compare as suas mãos com as mãos dos colegas da sala ou com membros da sua família. O que elas têm em comum e o que as diferencia? Tem a mesma cor de pele, o mesmo tamanho e formato? Observe o que há de único nas suas mãos e o que há de semelhante às mãos dos seus colegas.

- 1.** Reúna-se com os colegas em uma roda de conversa. Com base nessa comparação, reflita, em grupo, sobre a seguinte questão: Você acha que as suas mãos facilitam suas tarefas profissionais e na escola?
- 2.** Em seguida à reflexão, mostre à turma, com as mãos, as habilidades que você adquiriu graças ao seu trabalho, às atividades de lazer ou aos seus estudos. Se houver alguém na turma que não tenha uma ou as duas mãos, ela pode mostrar como realiza determinadas tarefas no dia a dia e contar um pouco, caso se sinta à vontade, como percebe sua própria condição.

Humanos: diversos, mas semelhantes

Ninguém nasce sabendo o que fazer com as mãos, certo? Tudo que fazemos com elas é fruto do aprendizado, da interação social. Um bebê aprende, aos poucos, a pegar e soltar os dedos da mãe ou do pai, então, começa a segurar objetos

e manusear brinquedos, empurrar carrinhos, destampar uma garrafa, amarrar o cadarço do tênis, e assim por diante. Algo semelhante também ocorre nos aprendizados profissionais: as mãos de um artesão, por exemplo, adquirem habilidades diferentes das mãos de um cozinheiro, um pedreiro ou um atendente de *telemarketing*. Isso ocorre também quando aprendemos um instrumento: o toque preciso dos dedos, os calos que se formam nas mãos, a força da musculatura.

Thereza Nardelli/Zangadas Tatu



Esse desenho da artista plástica mineira Thereza Nardelli viralizou nas redes sociais após as eleições de 2018. A frase, conta a artista, foi dita por sua mãe em um momento que a família passava por um período difícil, mas expressou o sentimento de uma parte do eleitorado. Aqui, as mãos representam a solidariedade necessária para manter a esperança em tempos difíceis.

Você já parou para pensar no significado da palavra “MANUtenção”? Na sua origem, em latim, ela queria dizer “ato de segurar na mão”, e, por extensão, “manter”, “sustentar” ou “conservar” algo com as mãos (e, claro, com ferramentas e instrumentos adequados). Assim, também, a palavra “MANUfatura” significava, antigamente, “fazer com as mãos”; hoje, diz respeito à produção de bens materiais a partir da combinação entre trabalho humano e técnicas e ferramentas adequadas.

As mãos participam da transformação dos objetos à nossa volta, nos ajudam a construir o mundo em que vivemos, e, portanto, a humanizá-lo, segundo nossas necessidades, interesses e desejos. Com as mãos, os humanos fazem casas, móveis, roupas, comidas, automóveis, aviões, arcos e flechas, hortas, pomares e uma infinidade de objetos, utensílios e lugares! Claro, com as mãos e uma infinidade de ferramentas e máquinas, com inúmeros saberes e tecnologias que caracterizam as diferentes culturas humanas.

Se você ainda não estiver convencido(a), lembre-se dos verbos de ação em expressões relacionadas ao uso das mãos: manejar, manipular, manobrar, manusear, “mãos à obra”, “mão de obra”, “botar a mão na massa”, “dar uma mãozinha”, entre tantas outras.

Então, pense nas mãos não apenas como uma parte entre tantas do corpo, mas como um “ponto de partida” para entendermos as culturas humanas em sua diversidade. Suas mãos trazem as marcas das suas experiências, mas também sinais de uma história mais ampla, da qual você participa como um ser coletivo, um “ser de cultura”.

As tantas coisas que sabemos fazer com as mãos são o resultado desse encontro entre o que somos, como indivíduos, e o que nos tornamos, em diferentes coletividades. Assim, podemos perceber que somos seres únicos, envolvidos em determinada cultura e, ao mesmo tempo, partilhamos a condição humana com mais de oito bilhões de pessoas no planeta. Somos, portanto, singulares na infinita diversidade das culturas humanas.

3. Em pequenos grupos, reflita sobre as seguintes questões. Em seguida, partilhe as opiniões do grupo com a turma.
 - a. Você considera que nós, seres humanos, somos iguais, diferentes, semelhantes ou desiguais?
 - b. Em que situações percebemos nossas diferenças e quando nos identificamos com outros seres humanos?
 - c. Por que existem preconceitos contra pessoas diferentes?



Beto Celly/Pulsar Imagens

Ex-votos de esculturas de madeira em formato de mãos no Museu Vivo do Padre Cícero – Casarão do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, Ceará, 2023. Antiga prática do catolicismo popular, o ex-voto é um objeto oferecido como agradecimento às divindades, por um pedido alcançado. Encontrado nas chamadas “salas de milagres” ou “salas de promessas”, os ex-votos podem ser esculturas, pinturas, fotografias, peças de vestuário, ferramentas de trabalho, brinquedos etc. Na imagem acima, as mãos de madeira podem representar a cura de alguma doença nas próprias mãos ou no corpo, um emprego novo ou um gesto de agradecimento por um benefício alcançado.



Sandra Moraes/Shutterstock

Pintura rupestre de mãos no Parque Nacional de Sete Cidades, Piracuruca, Piauí, 2020. Nos registros de pinturas dos primeiros habitantes da América, anterior aos atuais povos indígenas, é muito comum encontrar imagens de mãos. Você consegue imaginar o papel dessas imagens? Talvez elas sejam um registro da presença do próprio autor das pinturas ou uma marca coletiva, um desejo de afirmar “nós estivemos aqui”.

Quem tem medo da diversidade cultural?

No dia a dia, podemos identificar inúmeras diferenças e semelhanças entre os indivíduos com os quais convivemos. Analise o que acontece, por exemplo, na vida familiar: às vezes, percebemos uma forte ligação e semelhança com algum parente (hábitos, jeito de falar, traços físicos ou ideias parecidas); outras vezes, nos sentimos estranhos, mesmo dentro de casa! Se você tem irmãos, talvez entenda melhor o que estamos falando.

Essa percepção sobre as diferenças individuais, em casa, na escola ou no trabalho, nos ajuda a compreender também as diferenças culturais, isto é, aquelas que envolvem modos coletivos de estar no mundo. Que diferenças e semelhanças você consegue identificar nas pessoas retratadas nas imagens a seguir?



Mãe boliviana com sua filha, nascida na Argentina, posam para a foto na feira boliviana que ocorre todo fim de semana na Praça Kantuta, no Bairro do Pari, em São Paulo, 2012.



Família da comunidade quilombola Imbiral Cabeça Branca, em Pedro do Rosário, Maranhão, Brasil, 2024.



Jovem deficiente visual caminha sobre a calçada com piso tátil, na cidade de Socorro, São Paulo, 2015.

Você pode identificar as diferenças culturais nas roupas, nos modos de falar, nas crenças religiosas, nos gostos musicais, nas práticas de alimentação, enfim, nos costumes e valores expressos pelos grupos sociais do seu entorno. Como você reage quando reconhece essas diferenças? Você acha essas diferenças enriquecedoras ou perigosas? Você se sentiria mais seguro se não tivesse tanta gente diferente por perto?

É muito comum que as diferenças culturais provoquem emoções contraditórias, como curiosidade e aversão, ou empatia e receio. Às vezes, queremos nos aproximar de pessoas ou grupos que consideramos “diferentes” ou queremos visitar um espaço desconhecido, como um templo religioso ou um centro de cultura, mas temos medo ou vergonha. Muitas vezes, temos medo do que é diferente de nós, daquilo que não conseguimos entender, do que nos parece estranho.

1. Você já passou por esse tipo de situação, na qual você percebe as diferenças culturais com outras pessoas e não sabe como agir? Partilhe, com o grupo, as suas experiências e fique atento para ouvir os relatos dos colegas.
2. Em seguida, participe de uma roda de conversa com orientação do(a) professor(a).

Esses sentimentos confusos em relação às diferenças culturais costumam provocar atitudes opostas. De um lado, podem incentivar o interesse genuíno que leva ao reconhecimento de práticas culturais distintas; de outro, pode provocar reações de ódio, como xingamentos ou agressões físicas a pessoas e instituições. Em geral, essas reações de ódio e intolerância são provocadas por preconceitos e falsos argumentos que reforçam a ideia de que uma cultura diferente é “esquisita”, “inferior” ou “perigosa”, e, portanto, deve ser combatida ou eliminada.

O reconhecimento das diferenças culturais não significa apenas respeitar a diversidade de práticas e valores, mas compreender e valorizar essas diferenças e encontrar modos bacanas de convívio. Ao reconhecer a diversidade cultural dos muitos povos que formam a sociedade brasileira, aprendemos a identificar melhor quem somos, o que nos diferencia e o que nos aproxima.

O estudo das diversidades culturais também nos ajuda a reconhecer as raízes dos conflitos e tensões que marcaram profundamente a história do Brasil e são, ainda hoje, fonte de inúmeras práticas de violência e intolerância.

As muitas diversidades do Brasil

Um país continental

Você já ouviu essa expressão em algum lugar: “O Brasil é um país continental”? O que você acha que ela significa? Você concorda com essa ideia? Em geral, ela relaciona a imensa extensão do território brasileiro à diversidade de paisagens naturais e de costumes e hábitos da população brasileira. São diferentes biomas, como a Amazônia, o Cerrado e o Pampa, distintos climas e temperaturas, tipos de vegetação e regime de chuvas.

Com base neste mapa do Brasil, dividido nas cinco regiões administrativas, faça uma roda de conversa e conte para a turma o que você sabe sobre os aspectos que serão explorados nas questões a seguir.



Fonte: Atlas Geográfico Escolar/IBGE

1. Em qual região do país você vive? Identifique no mapa de forma aproximada. Em seguida, procure localizar também seu estado e aproximadamente o local em que fica o município onde você mora (ou o município onde se localiza a escola).
2. Que aspectos culturais você conhece da região onde mora? Podem ser comidas tradicionais, ritmos musicais, formas de se vestir, práticas religiosas ou qualquer outro costume que caracteriza a região.

Uma forma muito comum para destacar a diversidade de populações é a partir de traços marcantes das cinco regiões do país: Sul, Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Norte.

Vamos analisar um caso. Foi solicitado a uma plataforma de Inteligência Artificial (IA) que escrevesse um texto didático sobre diversidade cultural no Brasil. Com base em informações disponíveis na internet e difundidas pelos meios de comunicação, a IA apresentou o texto a seguir.

Você já pensou no que faz o Brasil ser tão incrível? A resposta pode ser resumida em duas palavras: diversidade cultural. Nosso país é gigante e, de norte a sul, a gente encontra uma mistura de costumes, tradições e modos de viver que deixa tudo mais interessante.

Pense no samba e no Carnaval, que são a cara do Rio de Janeiro. Mas, ao mesmo tempo, tem o frevo de Pernambuco, com aquelas sombrinhas coloridas, e o bumba meu boi do Maranhão, que é uma festa popular cheia de histórias e danças. E o mais incrível é que, apesar dessas diferenças, tudo se mistura de um jeito único.

Falando em mistura, dá uma olhada na nossa culinária. No Sul, o churrasco é tradição, com aquele fogo de chão típico dos gaúchos. Já no Norte, a galera se amarra no tacacá e no açaí, que têm forte influência dos povos indígenas. E claro, no Nordeste tem o famoso acarajé, um prato de origem africana que já conquistou o Brasil inteiro. Aqui, cada refeição é uma viagem cultural!

Faça uma leitura individual e silenciosa do texto apresentado; depois, em uma roda de conversa, faça a leitura em voz alta com os colegas e o(a) professor(a). Se houver dúvidas sobre o significado do texto, parem a leitura, conversem e, em seguida, retomem o texto. Por fim, reflita com a turma sobre as seguintes questões:

3. Vocês consideram que existe alguma informação errada quando o texto caracteriza as culturas de diferentes regiões do país? Qual?
4. Vocês acham que esse texto parece uma propaganda turística? Como se dissesse: “Venha conhecer o Brasil! Esse país tão incrível!”. Vocês conseguem imaginar um vídeo com imagens bem coloridas sobre a diversidade brasileira?
5. Na sua opinião, tratar a diversidade brasileira a partir das diferenças regionais, seria adequado para explicar por que o Brasil “é incrível”?

O problema dessas ideias, na nossa opinião, é que elas reforçam imagens padronizadas sobre os indivíduos: gaúchos gostam de churrasco, baianos adoram acarajé, pernambucanos dançam frevo, e assim por diante. Ao atribuir determinadas características para todo mundo que vive em uma região do país, essas afirmações constroem um estereótipo.



O **estereótipo** é uma imagem preconcebida, uma generalização, muitas vezes baseada em preconceitos e ideias falsas.

Imagine uma pessoa que mora no Rio Grande do Sul e é vegetariana, como ficaria a situação dela? E se você for baiano e não gostar de acarajé? Não pode, não? Assim, os estereótipos vão se firmando como se essa diversidade cultural fosse uma fotografia das regiões do Brasil: no Centro-Oeste só se ouve música sertaneja; no Nordeste todo mundo gosta de forró; no Sudeste se come pão de queijo no café da manhã e *pizza* à noite.

Esse tipo de argumento reforça uma imagem padronizada, ordeira e harmoniosa da sociedade brasileira. Essa imagem nos leva a acreditar que vivemos num país multicolorido, com muitos ritmos musicais e comidas típicas, no qual cada região oferece a sua contribuição para essa “festa da diversidade”. Ainda que a sociedade brasileira seja formada por muitas cores, nem sempre é dia de festa.

Então, em vez de pensar por que o Brasil é “tão incrível”, vamos compreender melhor por que ele é tão diverso em suas culturas e formas de viver. Vamos também analisar de que modo as nossas diversidades têm sido combatidas ao longo da história.

Culturas urbanas e culturas rurais

Com a orientação do(a) professor(a), organize com os colegas uma sessão musical com duas canções: “Meu lugar”, de Arlindo Cruz, e “Gente da minha terra”, de Belmonte e Amaraí.

1. Como a canção de Arlindo Cruz retrata a vida no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro?
2. O que Belmonte e Amaraí querem dizer com “Gente da minha terra”? Que terra é essa da qual eles falam?
3. Há aspectos semelhantes entre as duas músicas? Quais? Se a turma estiver animada, depois da reflexão, ouçam as músicas mais uma vez.



Parque Madureira, em Madureira, no Rio de Janeiro, 2016.

Você mora em uma cidade grande ou pequena? Ou mora no campo? Já se mudou de um lugar para outro? Que diferenças e semelhanças você identifica quando está em um grande centro urbano e quando está em um sítio ou um bairro rural? Reflita alguns minutos sobre o modo de vida nesses diferentes lugares, porque vamos conversar sobre as culturas urbanas e rurais que marcam um aspecto importante da diversidade cultural da sociedade brasileira.

Primeiramente, vamos falar em números. A população brasileira foi calculada em 203 milhões, segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2022. Cerca de 87% dessa população, ou seja, 177 milhões vivem em cidades e, apenas 13%, 26 milhões, habitam as zonas rurais. Dos que vivem em áreas urbanas, aproximadamente 40 milhões habitavam um dos quinze municípios com mais de 1 milhão de habitantes, como Belo Horizonte, Fortaleza ou Curitiba.

O que esses números mostram? Que características da população brasileira podemos observar? Nem seria preciso dizer, mas é bom lembrar que 200 milhões é “gente pra caramba”! Segundo estimativa do IBGE, realizada em 2024, a população já é de 212,6 milhões de habitantes. A maior parte da população brasileira é urbana, mas nem todo mundo mora em grandes cidades. Estima-se que apenas 42,7 milhões habitam municípios com mais de 1 milhão de pessoas, o que corresponde a 20,1% do total do país.¹

Nessas grandes cidades, o ritmo da vida parece mais acelerado, marcado por horas de deslocamento no transporte coletivo e por longos turnos de trabalho em empresas e estabelecimentos comerciais. O acesso à infinita diversidade de produtos, de serviços e de informações produz a sensação de que é preciso estar atento às novidades e de que as oportunidades para melhorar a vida aparecem e desaparecem em instantes. Na cultura urbana, tempo é dinheiro e o relógio não para. As pessoas costumam andar com pressa, e as tecnologias ajudam a “economizar” tempo: metrô e motocicletas para escapar dos engarrafamentos, celulares com alta velocidade de conexão, aplicativos que agilizam o deslocamento, apartamentos planejados para oferecer praticidade, tudo isso para ganhar tempo.

As aglomerações urbanas também se caracterizam pela confluência de práticas culturais vindas de diferentes regiões e países. Você pode, por exemplo, encontrar uma *pizzaria* ou uma hamburgueria em qualquer capital brasileira ou descobrir uma infinidade de templos religiosos, museus e bibliotecas; pode ainda dançar forró em Alagoas ou em Porto Alegre; conhecer casas de cultura de *hip-hop* em Salvador, São Paulo ou Belém.

Também é nas cidades de grande porte que se podem observar tensões e desigualdades provocadas pela diversidade cultural que marca a sociedade brasileira. A intolerância contra centros religiosos de matriz africana, a repressão policial às culturas de rua, como o grafite, o *skate* e os blocos de carnaval e a discriminação a determinadas práticas, consideradas ilegais, como a pichação e o jogo do bicho.

4. Com base nessa reflexão sobre as cidades e na sua experiência, faça uma pesquisa fotográfica, em livros, revistas ou na internet, e selecione duas imagens que, na sua opinião, revelam aspectos relevantes da cultura urbana.

1 Fontes dos dados: BELANDI, Caio. População estimada do país chega a 212,6 milhões de habitantes em 2024. *Agência de Notícias IBGE*, [s. l.], 29 ago. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41111-populacao-estimada-do-pais-chega-a-212-6-milhoes-de-habitantes-em-2024>. Acesso em: 23 abr. 2025.

5. Em seguida, organize-se em grupos para mostrar as imagens selecionadas e apresentar os motivos das escolhas.

Já nas áreas rurais, a vida está, em geral, mais ligada às tradições locais, à terra e à comunidade. O cotidiano no campo é, geralmente, percebido como mais tranquilo e tem um ritmo ligado às mudanças dos ciclos da natureza e da produção agrícola. Há épocas para a preparação da terra, para o plantio e para a colheita, períodos de trabalho sazonais, como no corte de cana ou na coleta do coco do babaçu, tempo para as chuvas e para temperaturas mais baixas.

Isso não significa que os habitantes da zona rural sejam “atrasados” ou que ignorem as tecnologias digitais. O acesso à internet, o uso de aplicativos de celular e a intensa rede de comunicações também fazem parte da vida no campo, mas, em muitos lugares, os costumes tradicionais se integram às mudanças e inovações do mundo contemporâneo.

O sentido de pertencimento à terra, por exemplo, costuma marcar as relações sociais e fortalecer laços de solidariedade das comunidades e de pequenos bairros rurais. Você percebeu essa característica na letra da canção “Gente da minha terra”, de Belmonte e Amaraí?

As experiências comuns, em torno das atividades agrícolas, aproximam as pessoas e as famílias; todos se conhecem na região e sabem das necessidades uns dos outros. Mas também há tensões e conflitos, provocados por inimizades e até situações de hostilidade e violência entre vizinhos.

6. Com base nessa reflexão sobre a vida rural e na sua experiência, faça outra pesquisa fotográfica, agora, para selecionar duas imagens que mostrem aspectos relevantes da cultura rural.
7. Em seguida, organize-se em grupos para mostrar as imagens selecionadas e apresentar os motivos das escolhas.

Será que existe um único modo de viver na cidade, isto é, uma única cultura urbana? E no campo, as pessoas experimentam a vida mais ou menos da mesma forma? Claro que não! Se você observar à sua volta, pode perceber que a diversidade cultural é muito mais ampla e complexa, tanto no campo quanto na cidade. Observe as imagens da próxima página para mostrar essas diferenças.

Nas cidades, por exemplo, há bairros com grandes casas, ruas arborizadas e asfaltamento, enquanto outros bairros, mais distantes das áreas centrais, ainda têm ruas de terra, poucas linhas de ônibus e um péssimo serviço de limpeza



Nas grandes cidades, convivem desigualdades sociais e econômicas que se expressam no tipo de moradia e nos usos do território. Você acredita que os moradores das comunidades pobres têm as mesmas práticas culturais e os mesmos valores dos habitantes dos altos edifícios de classe média? Na primeira imagem, obtida no Morro do Papagaio, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2014. Na segunda imagem, a comunidade em Amaralina, próxima de prédios residenciais e do Parque da Cidade, em Salvador, Bahia, 2022.

pública. Essas desigualdades sociais e econômicas marcam também diferenças culturais importantes. Você pode imaginar que a “vida de correria” de um entregador de aplicativo que mora em um bairro periférico de Belém (PA) não é a mesma “vida de correria” de uma funcionária de alto escalão em uma empresa de tecnologia em São Paulo.

No campo, pense, por exemplo, no contraste entre um grande proprietário de uma fazenda de monocultura de soja, em Goiás, e a vida de um trabalhador assalariado das plantações de limão, no Mato Grosso do Sul. As desigualdades socioeconômicas, as formas de ocupação da terra e as relações de trabalho produzem diferenças e tensões entre práticas culturais e as diversas formas de vida. É possível compreender melhor essas diferenças e tensões a partir das culturas populares nascidas nos bairros periféricos das grandes cidades e nas práticas religiosas tradicionais das comunidades rurais.



Colheita de milho com trator no interior do estado de São Paulo. Boa parte do trabalho nas grandes propriedades monocultoras é realizada com pouca mão-de-obra, em razão do uso de tecnologias sofisticadas e de equipamentos agrícolas modernos. Fotografia de 2024.

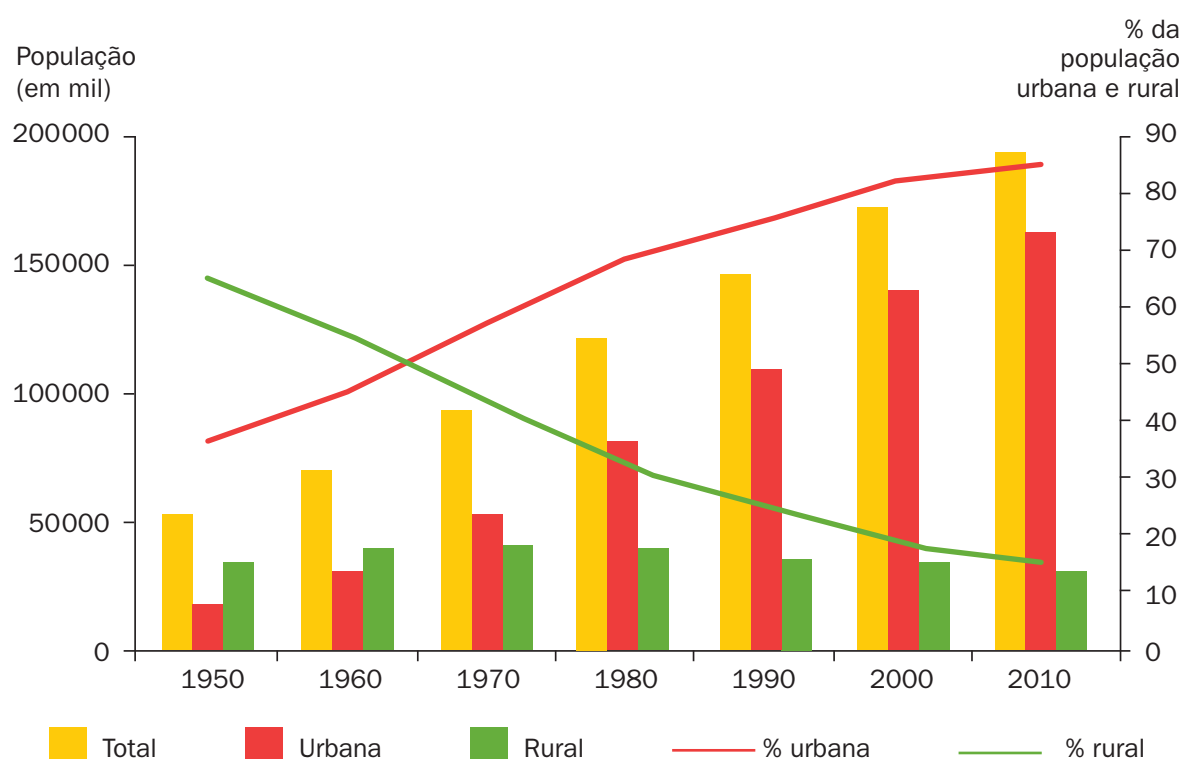
Escola Municipal Professora Elizabeth Siqueira Ferreira, da Comunidade Costa do Jatuarana, na margem do rio Amazonas. Segundo o Censo de Educação Básica, o Brasil tinha, em 2021, 53 mil escolas na área rural, a maioria, escolas públicas municipais.



Membros da Comunidade Juçaral constroem casa com telhado de palha de babaçu, na reserva extrativista da Chapada Limpa, em Chapadinha, Maranhão, 2010. A prática do mutirão de construção de casas ou de colheita é bastante difundida nas áreas rurais em todo o país.

Quando conversamos com pessoas mais velhas, que já passaram dos setenta anos, é muito comum ouvirmos histórias sobre a vida no campo: o trabalho na roça, as comidas feitas em fogão a lenha, o banho de caneca e de bacia. Mesmo quem já morava na cidade há sessenta anos vivia, muitas vezes, em ruas de terra, jogava bola em terrenos baldios e atravessava pequenos riachos para brincar longe de casa sem se preocupar. Para onde foi tudo isso? O gráfico a seguir ajuda a entender o acelerado processo de urbanização do país. Com a orientação do(a) professor(a), analise o gráfico com atenção e, em seguida, responda às questões apresentadas.

Números absolutos e relativos da população total, urbana e rural, Brasil: 1950-2010



Fonte: ALVES, José Eustáquio Diniz. Brasil tem 85% da sua população vivendo em grandes centros urbanos. *Colabora*, [s. l.], 29 out. 2022. Disponível em: <https://projeto Colabora.com.br/ods11/brasil-tem-85-da-sua-populacao-vivendo-em-grandes-centros-urbanos/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

8. Em 1950, a maior parte da população brasileira vivia no campo ou na cidade? Explique como você chegou a essa conclusão.
9. Observe o cruzamento das linhas vermelha e verde e explique o que esse ponto do cruzamento representa.
10. Em que década a população urbana ultrapassou a população rural?

Culturas periféricas, culturas tradicionais

Você é cria das quebrada? Então, sabe muito bem que, às vezes, você tá de boa e, do nada, a chapa esquentar. Aí tem que desenrolar aquela fita para voltar pro sossego. Se pá nem volta, tá ligado?

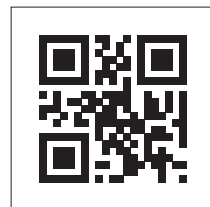
Fonte: Elaborado pelo autor.

O parágrafo acima está meio esquisito, não está? Se você não entendeu direito o que foi perguntado, talvez seja porque não esteja acostumado com algumas palavras e expressões como “cria”, “chapa quente” ou “fita”. Agora, se você conhece os modos de falar dos jovens das periferias urbanas, deve ter achado o parágrafo meio estranho, “coisa de tiozão” querendo se enturmar.

De todo modo, esses estranhamentos nos ajudam a entender que as diversidades culturais também se constituem pelas diferenças de linguagens e formas de comunicação.

Reúna-se em duplas ou trios e assistam a esse pequeno vídeo, extraído do programa de televisão “Papo de segunda”. No trecho selecionado, Emicida explica os diferentes usos da palavra “tiozão” entre os jovens dos bairros periféricos de São Paulo. Em seguida, reflita em grupo sobre as questões propostas:

- As definições de “TIO” foram atualizadas por EMICIDA | Papo de Segunda. GNT, 30 de set. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1498664103846278>. Acesso em: 20 jan. 2025.



1. Você já conhecia os significados da palavra “tiozão” apresentados por Emicida?
2. Entre os seus amigos, que palavras você utiliza para chamar os outros? Há palavras inventadas pelo seu grupo de amigos ou elas são conhecidas?
3. Com os colegas do grupo, faça um levantamento das diferentes gírias e expressões usadas para se dirigir a um amigo e, em seguida, apresente o resultado para a turma.
4. Forme uma roda de conversa com o professor e aos colegas e reflitam sobre as diferentes palavras apresentadas: por que existem diferentes modos de utilizar a linguagem? Por que certas palavras mudam de sentido em diferentes situações?

Assim, nas comunidades e nos bairros periféricos, especialmente, entre a população jovem, a língua portuguesa assume uma dinâmica própria, com variações e criações originais. Esse modo de falar é um traço importante das culturas periféricas, pois ele expressa uma visão de mundo que se amplia na criação artística, por meio das letras de música, da literatura escrita e oral, dos grafites e das pichações que povoam muros e paredes das grandes cidades.

As culturas periféricas urbanas expressam as lutas e vivências da população dos bairros populares, distantes das regiões centrais. Nesses espaços, a arte e a cultura nascem das dificuldades do dia a dia, como o *rap*, o *funk*, o grafite e o samba. Essas expressões são formas de resistência e de contar a realidade das favelas, das quebradas, mostrando a potência criativa que surge mesmo com a falta de oportunidades e o preconceito que essas comunidades enfrentam.

“Voz da periferia”, essas práticas culturais cumprem papel importante na construção da autoestima e do direito à existência dos moradores das comunidades e favelas do país. Elas compõem, muitas vezes, um circuito próprio e independente de práticas artísticas e atividades de cultura e lazer, produzidas e consumidas pelos moradores dos territórios periféricos. Em outras situações, as culturas nascidas nas periferias conquistam outros públicos, transformam a cidade, influenciam a linguagem, o comportamento e os modos de vestir. As trajetórias do *hip-hop* e do *funk* são bons exemplos de artes periféricas que ganharam o mundo.

No bairro Cidade da Esperança, em Natal (RN), o Teatro de Arena, popularmente conhecido como “Rodinha do Padre”, é palco de encontros entre *rappers* e *MCs*. Além dessas reuniões, o espaço sedia o Festival Cenas da Periferia, que reúne músicos e artistas visuais da região e convidados de várias partes do país.

Nas periferias de Belém, as chamadas “festas de aparelhagem” são um fenômeno cultural que se irradia por muitas cidades do Pará. As aparelhagens, imensas estruturas sonoras e de iluminação, criam uma atmosfera envolvente sob comando do DJ, isto é, o *Disk Jockey* que seleciona as músicas, com suas habilidades técnicas e sensibilidade para manter o público animado e vibrante.

Não são apenas eventos musicais que fazem a festa das comunidades periféricas. Atualmente, uma diversidade imensa de práticas culturais ocupa os espaços públicos dos bairros mais afastados, como apresentações de teatro, festivais de literatura, saraus de poesia, mostras de audiovisual, artes visuais e performances, danças e as batalhas de poesia chamadas de *slams*.

As culturas periféricas, muitas vezes, são vistas com preconceito e desconfiança pelas camadas médias, pela imprensa e pelos sistemas de segurança pública. Os bailes *funk*, organizados nas ruas e comunidades, têm sido alvo de críticas, denúncias

e proibições há muitos anos, considerados como lugar de promiscuidade, consumo de drogas e refúgio do tráfico. Esse clima de intolerância e desconhecimento justificou, inúmeras vezes, ações violentas da polícia, como o chamado “Massacre de Paraisópolis”, em 2019. Naquela ocasião, agentes policiais encurralaram, com bombas e tiros, milhares de jovens que participavam de um baile *funk* na favela do Paraisópolis, em São Paulo, provocando a morte de 9 jovens, entre 14 e 20 anos.

Em muitas regiões do Brasil, as comunidades rurais mantêm forte vínculo com as festas religiosas e com as práticas tradicionais de produção agrícola. No Cariri cearense, por exemplo, a cultura da vaquejada não é apenas parte fundamental da vida de inúmeras localidades como se tornou uma manifestação que integra valores comunitários, lazer e práticas corporais esportivas e uma fonte de renda para a população rural.

No interior de Minas Gerais, as festas do Divino, as congadas e as folias de Reis, celebrações religiosas tradicionais, integram diferentes comunidades nas áreas rurais, nas pequenas vilas e mesmo na capital, Belo Horizonte. Muitas dessas manifestações têm a participação ativa de associações culturais de jovens que registram as atividades em audiovisual e as disponibilizam nas redes sociais. Ao mesmo tempo, eles se interessam pelas formas tradicionais de organização social, como o trabalho cooperativo nas roças e na produção artesanal da comunidade. Esse interesse das novas gerações contribui para a valorização de costumes ancestrais que, em muitos lugares, estavam se perdendo.

Na Amazônia, muitas comunidades ribeirinhas mantêm tradições que se entrelaçam com o ciclo dos rios e a floresta, apesar do avanço do desmatamento e da



Festa de Reis
no Vale do
Matutu, Minas
Gerais, 2019.

redução dos níveis fluviais, provocados pela crise climática. A Festa do Çairé, em Alter do Chão, no Pará, articula manifestações religiosas tradicionais, como a “Busca dos Mastros” e eventos artísticos modernos, com cantores e bandas famosas.



Lucas Clemente

Festa do Çairé. Alter do Chão, Pará, 2022.

Nas comunidades rurais e quilombolas do Vale do Paraíba, entre São Paulo e Rio de Janeiro, as culturas de matriz afro-brasileira são celebradas pelo jongo. Praticado desde os tempos da escravização, em momentos de descanso ou após o término de tarefas agrícolas, como a colheita de café e de cana-de-açúcar, o jongo surgiu como uma forma de lazer e de fortalecimento da identidade cultural. Ritmo ancestral, marcado por batidas de tambores e cantos, ele conta histórias de resistência ao cativeiro, louva os antepassados africanos e reafirma a existência dos “jongueiros” no tempo presente.

Diversidade populacional: cor, raça e muito mais

Se você gosta de números, aqui vai uma porção deles. Em 2022, segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 92,1 milhões de brasileiras e brasileiros se declararam pardos, o equivalente a 45,3% da população do Brasil, estimada em 203 milhões de pessoas. Cerca de 88,2 milhões de pessoas se declaram brancas (43,5% da população), 20,6 milhões se declaram pretas (10,2%), 1,7 milhão se declaram indígenas (0,6%) e 850 mil se declaram amarelas (0,4%). Observe estes números organizados em uma tabela:

População brasileira: Cor e raça, 2022

População brasileira	Em números	Em porcentagem
Parda	92,1 milhões	45,3%
Branca	88, 2 milhões	43,5%
Preta	20,6 milhões	10,2%
Indígena	1,7 milhão	0,6%
Amarela	850 mil	0,4%
Total	203450 milhões	100%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Censo Demográfico, 2022.

Agora veja essa comparação com o Censo anterior, de 2010. Com os colegas, faça uma análise destes números, a partir das perguntas propostas.

População brasileira: Cor e raça, comparativo 2010-2022

População brasileira	2010 (números)	2010 (porcentagem)	2022 (números)	2022 (porcentagem)
Parda	82 milhões	43,1%	92,1 milhões	45,3%
Branca	91 milhões	47,7%	88, 2 milhões	43,5%
Preta	15 milhões	7,6%	20,6 milhões	10,2%
Indígena	821 mil	0,4%	1,7 milhão	0,6%
Amarela	2 milhões	1,1%	850 mil	0,4%
Total	190821 milhões	100	203450 milhões	100%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Censo Demográfico, 2010 e 2022.

A partir dessa tabela, reflita com os colegas sobre as seguintes questões:

1. Quais grupos tiveram aumento populacional em porcentagem, entre 2010 e 2022?
2. Quais grupos tiveram redução populacional em porcentagem, entre 2010 e 2022?
3. Na sua opinião, por que ocorreram essas mudanças? Levante uma hipótese para explicá-la.

Você já pensou em como as pessoas se identificam em relação a cor e raça no Brasil? O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utiliza cinco nomes

para isso: branca, preta, indígena, parda e amarela. Quando o recenseador chega em alguma residência, ele pergunta para cada morador como essa pessoa se identifica e oferece essas opções. Simples, não?

Mas será que essas são as únicas formas de entender a diversidade no Brasil? Na verdade, essas categorias são apenas um ponto de partida, uma base comum para que possamos discutir o tema utilizando os números do Censo. Então, o que esses números mostram sobre o nosso país?

Talvez, a informação mais importante seja que quase metade da população brasileira se identifica como parda, e se somarmos todos os que não se declaram brancos (pretos, pardos, indígenas e amarelos), temos 56,5% da população. Isso significa que o Brasil é um país com uma enorme mistura de culturas e raças e, ao mesmo tempo, com uma maioria de pessoas negras (somando pretos e pardos).

Mas por que será que o número de pessoas que se declaram pretas ou pardas aumentou no último Censo? Os especialistas afirmam que isso tem a ver com o jeito como o IBGE faz a pesquisa, mas também pode ter a ver com a percepção das pessoas sobre si mesmas. A valorização das culturas de origem africana, a luta contra o racismo e a defesa dos direitos dos povos indígenas têm mudado a forma como muitos brasileiros entendem suas próprias histórias e identidades.

Agora, pense um pouco: por que alguém poderia sentir vergonha ou receio de se declarar preto ou pardo? Por que, às vezes, é tão difícil para uma pessoa se reconhecer como indígena? Será que ainda existem muitas pessoas que têm ascendência indígena ou negra, mas preferem se declarar brancas? Ou será que algumas pessoas simplesmente não conhecem a própria história, achando que são brancas, mas, na verdade, têm antepassados indígenas ou negros?

Essas questões nos mostram que, no Brasil, a diversidade está muito ligada à desigualdade social e econômica e à noção preconceituosa de que determinadas culturas são melhores que outras. Segundo essa noção, certos grupos ou pessoas seriam “inferiores” por causa da cor da pele, dos costumes ou das tradições culturais.

Por outro lado, muita gente por aí afirma que o Brasil é um país cheio de diversidade, com um povo pacífico e cordial, e que essas diferenças culturais não importam porque, afinal, todos somos brasileiros. E é uma alegria danada viver neste país! Mas será que o Brasil é mesmo esse lugar de convivência na diversidade ou será que há muita discriminação contra certas culturas e modos de viver? Será que as populações negra e indígena concordam com essa ideia de harmonia na diferença? Ou será que as situações de violência, discriminação e racismo não são mais marcantes?

Nas últimas décadas, negros e indígenas têm se organizado em movimentos sociais para defender seus direitos e denunciar práticas de racismo e a violação às leis aprovadas desde a Constituição de 1988. Tanto o movimento negro quanto o movimento indígena mudaram a cara da sociedade brasileira e transformaram o modo como compreendemos a diversidade cultural. Hoje, não faz o menor sentido falar em diversidade sem reconhecer as tensões e os conflitos nascidos do convívio entre diferentes culturas.



Vista aérea da manifestação na Avenida Paulista, durante a celebração do Dia da Consciência Negra, em São Paulo, 2022.

Com esses movimentos sociais, aprendemos que a história do Brasil foi marcada por práticas de violência e exclusão contra negros e indígenas que caracterizaram também uma hierarquia de valores culturais. Por meio de suas lutas por direitos e dos livros escritos por intelectuais negros e indígenas, sabemos que a formação da sociedade brasileira foi marcada pelo enfrentamento desses povos contra a escravização, a desumanização e o extermínio.

Nesse enfrentamento, negros e indígenas, desde o início da colonização, no século XVI, conseguiram reinventar e fortalecer suas formas de viver, de plantar e colher, de celebrar a vida, de compreender o cosmos e de organizar suas relações sociais. As diversas populações trazidas da África como escravizadas e os povos indígenas resistiram à violência dos colonizadores europeus. Dessa resistência, surgiram várias maneiras de existir que deram origem a uma enorme riqueza cultural contra um sistema de dominação racista. Esse sistema sustenta o privilégio da população branca e desvaloriza a diversidade em nome de uma única cultura, de origem europeia.

Para compreender os conflitos e as tensões em torno da diversidade cultural brasileira, precisamos conhecer um pouco da história das formas de resistência e de luta dos povos indígenas e dos povos de origem africana e seus descendentes. Graças a essas lutas, a Constituição de 1988 estabeleceu diversos direitos que visam promover a diversidade cultural, por meio da proteção às culturas e aos modos de vida dos povos indígenas e das comunidades tradicionais (como caiaças, ribeirinhos e remanescentes de quilombos). A Constituição também garantiu direitos para a promoção da igualdade racial e de combate ao racismo, por meio de políticas afirmativas de valorização das culturas afro-brasileiras.

Diversidades em conflito

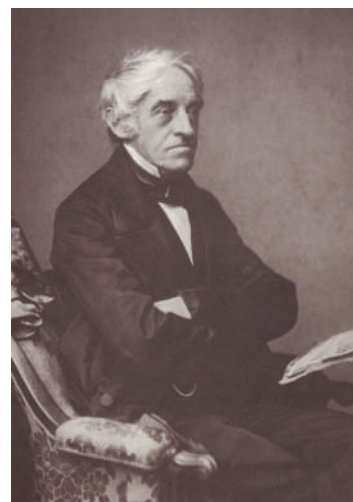
A formação da sociedade brasileira

O pesquisador alemão Carl Von Martius (1794-1868) foi um dos primeiros a afirmar, em 1845, que a história do Brasil seria o resultado da mistura de três raças: a americana (indígenas, chamados por ele de “índios”), a caucasiana (europeus) e a etiópica (africanos).

Para Martius, a História da Humanidade respondia a um plano divino, isto é, a vontade de Deus que se realizaria na mescla de todas as etnias e grupos numa única raça humana. Por isto, o Brasil ocuparia um lugar de destaque, já que a mistura de povos era uma característica natural dos brasileiros.

Mas a contribuição de cada raça para a formação da sociedade brasileira era diferente e desigual. No seu livro *Como se deve escrever a História do Brasil*, publicado em 1845, Martius afirmou: “jamais nos será permitido duvidar que a vontade da providência predestinou ao Brasil esta mescla. O sangue português, em um poderoso rio, deverá absorver os pequenos confluente das raças índia e etiópica.”

Portanto, para ele, o branco português era a raça mais importante, o “poderoso rio”, que formaria o país com as contribuições menores dos povos indígenas e africanos, que ele chama de “etiópica”, em referência aos “etíopes”, isto é, pessoas nascidas na Etiópia.



Carl Friedrich Philipp von Martius (s.d.).

Hanfstängl, Franz. Public domain, via Wikimedia Commons

Na época em que ele escreveu essas ideias, o território brasileiro já era independente de Portugal, mas o imperador era português e o trabalho escravo era a base da nossa economia. Então, o problema da integração estava colocado: se todos eram brasileiros e contribuíam para a formação do povo, por que uma parcela da população era escravizada? Se somos brasileiros, por que a monarquia que nos governa é portuguesa?

Através de Martius e outros pensadores, esse problema foi resolvido na teoria, pela ideia de que a raça dominante era a portuguesa e que as demais iriam se dissolver nela, como na imagem dos afluentes que desembocam no grande rio.

A ideia mais difundida que se construiu sobre a formação étnica e cultural da sociedade brasileira pode ser assim resumida: somos formados pela mistura de três elementos, os indígenas, os negros africanos e os europeus. Da cultura indígena, herdamos a habilidade para se deslocar no território, alguns hábitos alimentares e palavras incorporadas ao português. Os negros, escravizados da África, trouxeram a disposição para o trabalho pesado, a resistência física e a alegria de viver. Mas a base principal é portuguesa, pois o território era colônia de Portugal, herdou o idioma, as leis, a organização do Estado, a religião católica e a cultura de um modo geral.

Esta forma de ver a formação do povo brasileiro já foi duramente criticada, pois ela não leva em conta a natureza multiétnica da sociedade brasileira. Em outras palavras, ela faz parecer que existe uma unidade atual na população brasileira, como se todos fossemos descendentes de europeus, com alguns traços menos importantes de indígenas e negros.

Mesmo assim, essas ideias serviram para justificar uma longa história de exploração e submissão de alguns povos e até hoje ainda tem muita gente que acredita nessa conversa.

Leia o texto abaixo, publicado em um livro didático em 1923, em seguida reflita sobre as questões propostas. Faça uma primeira leitura silenciosa e, em seguida, acompanhe a leitura em voz alta, a ser feita pelo(a) professor(a):

A Escritura Sagrada ensina que a humanidade inteira, tal como existe e povoa atualmente a terra, descende de um casal único, Adão e Eva. (...) A raça branca ou caucásico tem por caracteres a brancura da tez, o oval da face, o comprimento e a finura do cabelo. Os brancos têm geralmente o nariz aquilino, dentes verticais e barba muito densa. São inteligentes e sua influência estende-se sobre todo o globo terrestre.

RAÇAS humanas: Raça branca, pele vermelha, raça amarela e raça negra. In: *Primeiras noções de ciências físicas e naturais para uso das escolas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alvares, 1923.

1. O texto traz uma interpretação sobre a origem dos seres humanos e sua divisão em raças. Qual é essa explicação? Qual é a relação entre essas ideias e a formação do povo brasileiro proposta por Martius?
2. Essas teses raciais, como são chamadas, foram muito contestadas por não terem nenhuma base científica. Atualmente, inclusive, tais ideias podem ser consideradas criminosas, se forem usadas para justificar, por exemplo, atos de discriminação contra uma pessoa. Mas, apesar de erradas, elas ainda circulam em nossa sociedade. Afinal, por que incomoda tanto a algumas pessoas conviver com o diferente?

A presença negra no Brasil

A escravização dos povos africanos no território brasileiro iniciou-se praticamente com a colonização portuguesa, a partir de 1500, e se prolongou até 1888. Não há números exatos sobre a quantidade de pessoas escravizadas, mas os pesquisadores estimam que foram trazidos para cá cerca de 5 milhões de africanos.

A mão de obra negra escravizada foi responsável pela geração das principais riquezas que o Brasil produziu em sua história, desde a produção agrícola de cana-de-açúcar e de café, até a extração de ouro e de diamantes. Mas também foi utilizada nas atividades mais comuns do dia a dia, sendo ocupada na maioria dos serviços domésticos e urbanos durante mais de três séculos da nossa história.

Um padre jesuíta italiano, André João Antonil (1649-1716), quando esteve no Brasil, escreveu que os escravizados eram “as mãos e os pés dos senhores de engenho”, isto é, dos proprietários de grandes fazendas de cana do Nordeste. Essa expressão dá uma ideia do que significou o trabalho escravizado no Brasil: as famílias brancas, mesmo as que não eram ricas, tinham pelo menos um escravizado para os serviços domésticos. Nas fazendas, também predominava a mão de obra escravizada na lavoura, na pecuária e nos serviços domésticos.

A importância da escravização para o desenvolvimento econômico da nossa história tem sido muito divulgada em livros didáticos e na televisão. Ninguém hoje é capaz de negar que o braço escravizado construiu o país até o final do século XIX, quando a escravização foi abolida, em 1888.

No entanto, o que nem sempre aparece nessas histórias é que a presença de africanos e seus descendentes na história do país não se limitou apenas à condição de trabalho braçal e de violência pela qual o negro escravizado passava nas grandes lavouras do país.

Saberes do trabalho: profissionais especializados

Em primeiro lugar, os escravizados não exerciam apenas o trabalho mais pesado, mas diversos serviços especializados. Nas fazendas de cana-de-açúcar, exerciam as funções de mestres de açúcar, carpinteiros e ferreiros, cujos conhecimentos vinham, muitas vezes, de suas comunidades de origem, na África. Nas cidades, os escravizados não eram apenas carregadores ou trabalhadores domésticos mas também alfaiates, barbeiros, fabricantes de joias, marceneiros, sapateiros, bombeiros, farmacêuticos, artesãos e professores (de música e de gramática, por exemplo). Isto significa que a presença de africanos e sua importância social eram bastante profundas e estavam integradas à vida cotidiana dos homens brancos.

Portanto, foram os escravizados e os negros libertos que construíram uma cultura do mundo do trabalho e que desenvolveram aprendizados profissionais e práticas e habilidades exigidas de um trabalhador. Os saberes e vivências ancestrais eram, assim, integrados ao novo ambiente e às necessidades do trabalho urbano ou rural.

A imagem ao lado é uma litografia de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), artista francês que viveu no Rio de Janeiro entre 1816 e 1831. Os livros didáticos de História costumam trazer muitas reproduções das obras de Debret porque ele registrou intensamente o cotidiano da cidade povoada por negros escravizados e libertos. Observe atentamente a imagem e, em seguida, reflita sobre as questões propostas em grupo de trabalho.

Les barbiers ambulants
(Os barbeiros ambulantes), de Jean-Baptiste Debret, gravado por Thierry Frères, 1835. Litografia em cores, 50,4 cm x 33,3 cm. Museu Imperial, Petrópolis (RJ).



LES BARBIERS AMBULANTS



Jean-Baptiste Debret/Wikimedia Commons

1. Descreva as posturas e ações realizadas pelos homens negros retratados na pintura de Debret.
2. Como é o ambiente retratado por Debret em torno da atividade de corte de barba e de cabelo?
3. Atualmente, o trabalho profissional de corte de cabelo ocorre em estabelecimentos comerciais. Na sua opinião, por que os homens da pintura realizam o trabalho na rua?
4. Na imagem retratada por Debret, em que condições os barbeiros faziam o seu trabalho? Eram condições precárias ou estáveis? Havia algum tipo de apoio para a realização do trabalho? Que instrumentos eles podiam utilizar?
5. Na sua opinião, era um trabalho fácil ou exigia habilidades profissionais? Explique o que você pensa sobre o assunto.

Resistências à escravidão: quilombos, rebeldias e irmandades

Os africanos e seus descendentes resistiram à condição de escravizados por meio de uma infinidade de recursos, estratégias e formas de organização. A mais conhecida dessas formas de resistência foram os **quilombos** formados por homens e mulheres que fugiam das fazendas e das cidades e se estabeleciam em um território livre. Nos quilombos, o povo negro podia reconstruir relações sociais e familiares, criar redes de troca, solidariedade e trabalho e reinventar práticas culturais a partir de suas origens ancestrais.

Mas havia também formas de **rebelia** individuais e coletivas organizadas para reduzir a exploração do trabalho e garantir melhores condições para sobreviver, mesmo sob a situação da escravidão. Assim, os escravizados sabotavam as máquinas e ferramentas dos engenhos, diminuía o ritmo da produção agrícola, criavam justificativas para evitar o trabalho, faziam ameaças disfarçadas aos seus senhores ou procuravam conquistar sua confiança. Em muitos casos, a resistência era uma resposta violenta que envolvia espancamentos ou mesmo a morte do proprietário.

Essas experiências de resistência foram, pouco a pouco, criando espaço para que novos modos de viver a vida surgissem. Os escravizados não eram trabalhadores ingênuos, amedrontados e obedientes que aceitavam as imposições da cultura do colonizador. Eles criavam formas próprias de comunicação, conquistavam algum tempo de folga para praticar a própria espiritualidade e para construir e

cuidar de suas famílias. Com isso, eles criaram formas originais de organização da vida, diferentes das formas europeias que serviam de modelo para os colonizadores brancos.

Uma dessas formas de organizar a vida foram as **irmandades** religiosas criadas por homens e mulheres negros escravizados ou libertos em diferentes regiões ainda nos tempos da colônia. Na origem, as irmandades eram associações de leigos católicos (aqueles que não são padres ou freiras) para cultuar um santo de devoção e para integrar os membros da comunidade. No entanto, durante os três séculos de escravidão, os negros eram proibidos de entrar nas igrejas ou participar das cerimônias religiosas, mesmo que fosse para manifestar sua fé.

Assim, foram criadas diferentes organizações, algumas com o nome de Irmandade dos Homens Pretos, outras como Irmandade Nossa Senhora do Rosário. Para praticar a sua fé sem os limites impostos pela escravidão, uma das tarefas mais urgentes era a construção de uma igreja dedicada a um santo católico mais

Marco Antonio Sá/Pulsar Imagens



A Irmandade do Glorioso São Benedito foi fundada em 1798, quase cem anos antes do fim da escravidão, na cidade de Bragança, no Pará. Todos os anos, entre os dias 18 e 26 de dezembro, a Irmandade realiza a Marujada de São Benedito, uma festa com vestimentas, danças, musicalidade e saberes de tradições afro-brasileiras, indígenas e europeias. Na foto, mulheres, chamadas de marujas, dançam a marujada na sede da Irmandade antes de iniciar o cortejo pelas ruas da cidade de Bragança, 2011.

próximo das experiências vividas pela população escravizada, como São Benedito, Santa Ifigênia ou Nossa Senhora da Conceição.

As irmandades eram espaços de acolhimento e proteção em meio às adversidades da escravização e às imposições da sociedade colonial. Eram locais onde os negros podiam expressar sua fé, praticar rituais próprios e manter vivas tradições africanas recriadas nas condições da escravização.

Com uma estrutura que incluía cargos de liderança e de administração, regras de convivência e objetivos comuns, as irmandades eram mantidas pela contribuição dos seus membros e por doações. Com os recursos obtidos, elas construía e mantinham a igreja, ajudavam as pessoas em momentos de necessidade, como doenças ou na velhice, e compravam a alforria (a liberdade) de irmãos escravizados.

As irmandades se espalharam durante os séculos XVIII e XIX por várias cidades brasileiras, e muitas delas estão ativas até hoje, enquanto outras foram fechadas, mas se tornaram patrimônio histórico e cultural.

Em Salvador (BA), por exemplo, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é um símbolo ativo dessa resistência e religiosidade afro-brasileira. Em cidades como Ouro Preto (MG), Mariana (MG), São João del-Rei (MG), Recife (PE), São Luís (MA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Pirenópolis (GO), existem registros e vestígios de irmandades. Esses locais representam a importância histórica dessas organizações para a cultura brasileira e são até hoje lembrados em celebrações, como as festas do Rosário, que mantêm vivas a fé e as tradições herdadas dessas irmandades.

As chamadas irmandades de pretos construíram, portanto, um legado cultural e espiritual que fortaleceu as tradições e valores oriundos de África e reinventados na experiência da escravização e além dela. Resistência e solidariedade eram assim alimentadas pelas culturas afro-brasileira criando fortes ligações entre o catolicismo popular e as espiritualidades de origem africana, como o candomblé.

- 1.** Atualmente, existem muitas pesquisas sobre a presença de negros e negras em atividades culturais e políticas, no século XIX, consideradas exclusivas para pessoas brancas. Os resultados dessas pesquisas, muitas vezes, feitas por jovens negros nas universidades, têm sido difundidos nas redes sociais, por diferentes coletivos e grupos que valorizam as culturas afro-brasileiras. Então, procure nas redes sociais e *sites* de informação, por personagens negros e negras que se destacaram no século XIX e começo do século XX, como escritores, artistas, engenheiros, professores, médicos etc.

2. Junte-se a dois ou três colegas para selecionar uma “personalidade”, conhecer a sua história e fazer uma apresentação oral para a turma.

Movimento Negro hoje: pluralidade cultural

BLOCOS AFRO

Ilê Aiyê – Salvador, Bahia

Em 1974, Antônio Carlos dos Santos, o “Vovô”, e Apolônio de Jesus fundaram, na comunidade do Curuzu, em Salvador, o Ilê Aiyê, o primeiro bloco afro-brasileiro. O grupo foi criado para valorizar a cultura negra e africana, afirmando a estética e identidade afro-brasileira por meio do Carnaval e da arte. As cores do bloco – branco, vermelho, amarelo e preto – representam paz, luta, riqueza cultural e orgulho racial. Para além dos desfiles, o Ilê Aiyê realiza ações de impacto social com foco em educação e autoestima da juventude negra. Um exemplo importante é o Projeto de Extensão Pedagógica, que produz cadernos educativos abordando temas afro-brasileiros.

Joia Souza/Shutterstock



Integrantes do Ilê no Carnaval de Salvador, em 2013.

Ilú Obá De Min – São Paulo, SP

Fundado, em São Paulo, pelas percussionistas Beth Beli, Girlei Miranda e Adriana Aragão em 2004, o Ilú é um bloco mantido por um coletivo de cerca de 400 mulheres negras. Ele existe para fortalecer e difundir práticas e valores afro-brasileiros, por meio da dança e da música das mulheres negras. “São mãos femininas tocando tambor para recontar nossa história”, afirma a voz feminina de um vídeo do grupo. Desde 2005, o bloco abre o Carnaval de Rua da capital paulista com uma poderosa bateria e um corpo de dança com pernas de pau. O Ilú Obá De Min desenvolve inúmeras atividades educativas e culturais, como cortejos e shows, oficinas em escolas, ensino de percussão e canto para mulheres.

Cesar Fraga/Ilú Obá De Min



O bloco afro Ilú Obá De Min no carnaval de rua de São Paulo, 2024.

ORGANIZAÇÕES NACIONAIS

Movimento Negro Unificado (MNU) Brasil

O Movimento Negro Unificado (MNU) foi fundado em 7 de julho de 1978, em São Paulo, como uma resposta às frequentes discriminações e violências sofridas pela população negra no Brasil. Surgiu após um caso de racismo em um clube paulista e uma série de protestos contra a morte de jovens negros. O MNU tinha como objetivo principal combater o racismo, lutar por direitos civis e promover a valorização da cultura afro-brasileira. Em suas conquistas, destacam-se a pressão pela inclusão do tema da igualdade racial na Constituição de 1988 e o apoio às cotas raciais nas universidades. Entre seus líderes estavam Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento e Hamilton Cardoso, que, junto com outros militantes, foram fundamentais na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. O MNU continua ativo, reforçando a importância da identidade e da resistência negra no Brasil.

Jesus Carlos/Imagens



Primeiro ato público do MNU, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, em 1978.

Coalizão Negra por Direitos Brasil

A Coalizão Negra por Direitos é formada por uma rede, com cerca de 250 organizações e movimentos negros do Brasil, criada em 2019 com o objetivo de lutar contra o racismo e promover direitos para a população negra. Criada para defender pautas como o direito à vida, à saúde, à educação e ao trabalho, a Coalizão atua tanto em âmbito nacional quanto internacional. Durante a pandemia de covid-19, foi uma das principais vozes na denúncia das desigualdades que atingiram com mais força a população negra. A Coalizão também trabalha por políticas públicas que combatam a violência policial e promovam a inclusão social. Além de mobilizações e campanhas, realiza ações jurídicas para garantir os direitos civis e sociais da população negra. Com isso, fortalece o protagonismo negro e luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Wagner Vilas/Shutterstock



Manifestação com a participação da Coalizão Negra e outras organizações políticas, em São Paulo, em 2021.

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

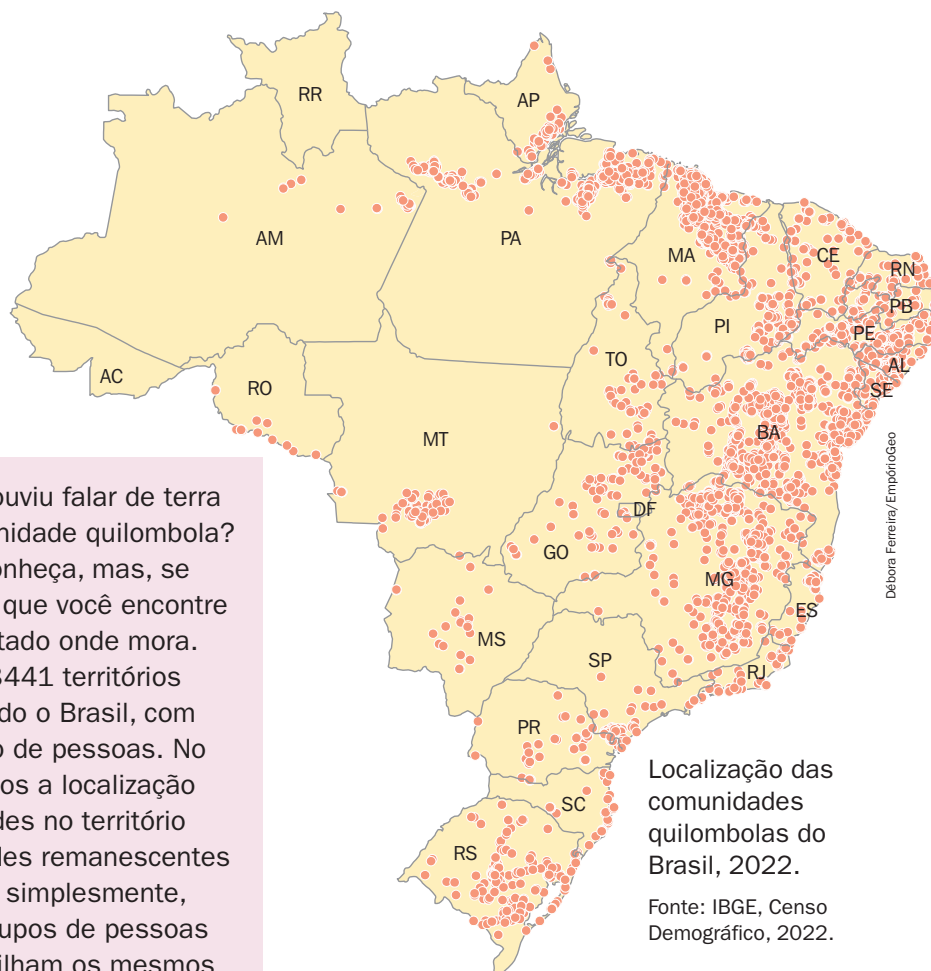
Você conhece ou já ouviu falar de terra de quilombo ou comunidade quilombola?

Talvez você não conheça, mas, se pesquisar, é possível que você encontre na região ou no estado onde mora.

Em 2022, havia 8441 territórios quilombolas em todo o Brasil, com cerca de 1,3 milhão de pessoas. No mapa, apresentamos a localização destas comunidades no território brasileiro. Comunidades remanescentes de quilombos, ou, simplesmente, quilombolas, são grupos de pessoas negras que compartilham os mesmos valores, formas de organização social e concepções espirituais. Essa cultura compartilhada baseia-se na existência de ancestrais comuns que, desde os tempos da escravidão, construíram uma comunidade para resistir ao sistema escravista e conquistar autonomia.

Desde a década de 1980, o Movimento Quilombola luta para que a escola, dentro de um território quilombola, seja organizada a partir da cultura afro-brasileira daquela comunidade.

Em 2012, finalmente, a Educação Escolar Quilombola tornou-se uma modalidade de ensino em todo o país, garantindo o direito a uma educação que valorize as culturas quilombolas e a diversidade étnico-racial.



Vista do Quilombo de Pedras Negras, à beira do rio Guaporé, em Rondônia, 2022.

MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS

Geledés – Instituto da Mulher Negra

O Geledés foi fundado, em São Paulo, em 1988, por um grupo de mulheres negras comprometidas com a luta contra o racismo e o sexismo. O instituto surgiu para promover a cidadania e os direitos das mulheres negras, combatendo as desigualdades sociais e raciais. Suas principais ações incluem projetos de educação, direitos humanos, saúde e capacitação profissional. A atuação do Geledés envolve ainda a produção de pesquisas e a difusão de informações sobre temas como racismo, violência e direitos humanos, fortalecendo a voz das mulheres negras na sociedade. A organização desenvolveu também o aplicativo PLP 2.0 para o enfrentamento da violência contra mulheres que possuem medida protetiva expedida pela Justiça.



Imagem utilizada na abertura do “Portal Geledés” que oferece conteúdo atualizado sobre os projetos da organização. Geledés” faz referência a uma sociedade secreta feminina da cultura iorubá, conhecida como Gèlèdè.

Criola – Rio de Janeiro

A organização Criola, fundada em 1992, no Rio de Janeiro, promove e defende os direitos das mulheres negras (cis e trans) e se destaca na luta contra o racismo, o sexismo e a transfobia. Criola foi pioneira em ações de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS entre mulheres negras. Com o tempo, expandiu suas atividades para áreas da cultura, educação e de enfrentamento da violência de gênero e racial. Hoje, a organização desenvolve diversos projetos, como a formação de lideranças negras e ações políticas para pressionar os governos por políticas públicas de combate ao racismo e ao sexismo e em defesa da população negra. Além disso, Criola fortalece, em parceria com outras entidades, redes de cuidado entre mulheres negras.



Na imagem, o logotipo da organização simboliza a resistência das mulheres negras e o fortalecimento das redes de proteção.

As lutas dos povos indígenas

Conforme estudamos, quando os portugueses chegaram ao continente americano, em 1500, encontraram milhões de habitantes que viviam no território. Desde os primeiros tempos, no entanto, houve intensos conflitos entre os novos “visitantes”, isto é, os colonizadores, e os povos originários, que chamamos atualmente de indígenas.

A conquista portuguesa foi marcada pela violência e pela intolerância cultural e religiosa contra os cerca de 5 milhões de indígenas que se espalhavam pelo litoral e pelo interior das novas terras.

Durante muito tempo, os portugueses submeteram os povos originários à escravidão, destruindo aldeias, aprisionando homens e mulheres e promovendo um imenso genocídio contra os grupos mais combativos. Em quase todo o litoral brasileiro, a ação violenta dos colonizadores levou à extinção de populações e expulsou diversos grupos para o interior. Além disso, a difusão do catolicismo, especialmente, a partir da ação dos padres jesuítas, promoveu a destruição dos modos de viver e dos conhecimentos indígenas.

Os conflitos entre brancos e indígenas permaneceram durante toda a nossa história e ainda hoje há diversos confrontos e tensões envolvendo comunidades indígenas. Todos os anos, lideranças indígenas são assassinadas, em geral, por causa de conflitos de terras, envolvendo grandes fazendeiros, atividades de garimpo ilegal e exploração da madeira em reservas indígenas.

Os povos indígenas sempre resistiram com bravura e sabedoria ao projeto colonizador que atuava para dizimá-los e, posteriormente, aos projetos da República que pretendiam transformá-los em “homens brancos”.

Desde os anos 1980, inclusive, a população indígena vem crescendo de forma significativa graças às suas organizações que lutam por direitos e políticas públicas e denunciam violências e injustiças. Atualmente, você pode encontrar, nas mídias e redes sociais, uma infinidade de imagens, vídeos, livros e áudios produzidos por indígenas ou por seus apoiadores. Notícias sobre as disputas pelo direito às Terras Indígenas, garantida na Constituição de 1988, são muito mais frequentes do que vinte ou trinta anos atrás.

- 1.** Retome a tabela apresentada na p. 28 deste Caderno, sobre o Censo Demográfico em 2010 e 2022, e observe a mudança na contagem da população indígena nos dois censos.

2. Na sua opinião, o que explica essa alteração? Seria apenas o aumento do número de nascimentos e a redução das mortes? Haveria outros fatores para as pessoas se autodeclararem indígenas?
3. Em seguida, apresente sua reflexão em uma roda de conversa coordenada pelo(a) professor(a).

Você sabia que esse negócio de chamar de “povos indígenas” é coisa de branco? Pois é, os povos originários se reconhecem e se autodeclaram segundo a própria identidade, o seu grupo cultural, linguístico e de parentesco. Eles se afirmam como Guarani Kaiowá, Kaingang, Terena, Ianomâmi, Xavante, Tikuna, e assim por diante. Para você ter uma ideia, atualmente, existem mais de 266 povos, falantes de mais de 160 línguas e que vivem em 731 terras indígenas, segundo o Instituto Socioambiental (ISA).

Cada povo se diferencia não apenas por ter o próprio idioma e os próprios costumes mas também pelo modo de se relacionar, de organizar a vida política da comunidade, de constituir famílias e de construir as suas habitações e aldeias. Há, ainda, muitas diferenças no modo como cada povo indígena compreende, de forma particular, sua relação com o mundo “não indígena”, com as entidades sagradas e com o que chamamos de “cosmos”, isto é, o universo ao redor.



Indígenas Kuikuro da aldeia Ipatse com saias de palha no ritual de Tawarawana, no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, 2024.

Renato Soares/Pulsar Imagens

Além disso, muitos povos indígenas vivem em áreas urbanas, enfrentando desafios e criando novas formas de resistência. Em São Paulo, na Terra Indígena Jaraguá, famílias Guarani Mbya lutam por espaço e proteção de sua cultura no maior centro urbano do país. Em Manaus, a comunidade Parque das Tribos abriga cerca de 35 grupos, incluindo os Tikuna e os Kokama, em um bairro onde tradições e saberes indígenas fortalecem o cotidiano. Em Boa Vista, Roraima, o povo Macuxi busca também afirmar seus direitos. Esses povos são exemplos da diversidade indígena que resiste e transforma os espaços urbanos onde vivem.

A presença dessas comunidades indígenas confirma que a diversidade é uma característica importante do povo brasileiro. Mas nem sempre essa diversidade representa miscigenação, isto é, mistura de povos diferentes. Os indígenas, em geral, reivindicam uma condição diferenciada. Eles não se identificam como descendentes de portugueses nem como miscigenados, mas reivindicam o seu direito a cultura e origem próprias, graças ao legado de povos que habitam o continente americano há milhares de anos.

A diversidade da sociedade brasileira é, portanto, “multiétnica”, ou seja, é formada por diferentes culturas, línguas, concepções de mundo de diferentes povos. Agora, você pode pensar: mas se nascemos no Brasil, somos todos brasileiros, então por que essa história de “multi”? Isso não levaria as pessoas a se dividir? Não seria melhor afirmar que a sociedade brasileira é “misturada”, “mestiça” ou “miscigenada”?

Na verdade, em uma sociedade como a nossa, construída por culturas, tradições e línguas diversas, valorizar ou defender uma única cultura, mesmo que seja uma suposta “cultura miscigenada”, submete todos e todas a uma única herança. A diversidade cultural é, justamente, o direito garantido aos brasileiros e brasileiras de se autorreconhecerem segundo os próprios valores, sua história e sua identidade.

Organizações indígenas: do local ao nacional

Se não conhecemos bem os povos indígenas, costumamos acreditar nas imagens e notícias que circulam pelos meios de comunicação e nas redes sociais. Quando os direitos dos povos indígenas estão ameaçados por alguma mudança nas leis, a televisão registra inúmeros protestos em frente ao Congresso Nacional. Nessas ocasiões, você pode se impressionar com manifestantes marchando com adornos, pinturas corporais, instrumentos musicais e arcos e flechas.

Essas manifestações dão visibilidade a esses povos e colaboram para sensibilizar a sociedade não indígena para suas causas, mas suas estratégias de organização e luta são bem mais complexas e diversificadas.

Desde o início da colonização portuguesa, os povos indígenas resistiram à violência colonial e se opuseram à escravização e à perda de suas terras. A história dessa resistência atravessa os séculos, por meio de guerras abertas contra os colonos e os administradores da Coroa portuguesa, mas também pelo deslocamento forçado para regiões mais afastadas ou por tentativas de acordos de paz.

Com criação do Império em 1822, e a Proclamação da República, em 1889, os indígenas não tiveram paz e seguiram em luta para evitar a destruição de suas aldeias e de sua cultura. Inúmeras guerras e conflitos armados atingiram diferentes etnias em boa parte do território nacional. Assim, também, muitas alianças e negociações foram travadas para garantir a sobrevivência dos povos indígenas.

Essas lutas, porém, eram vividas de forma independente em cada povo ou aldeia, na medida em que era preciso enfrentar ameaças concretas, como o avanço dos grandes proprietários sobre suas terras ou a construção de uma ferrovia ou uma rodovia em seus territórios.

No início dos anos 1970, no entanto, surgiram as primeiras assembleias de chefes indígenas, organizadas para debater as condições de vida nas aldeias e se opor a medidas do Estado que agrediam seus modos de vida. Nessas assembleias, as diferentes etnias começaram a perceber que era preciso se unir para lutar por interesses comuns a todos os indígenas. Ao mesmo tempo, inúmeras iniciativas de apoio e defesa dos povos indígenas foram criadas por organizações da sociedade civil, como o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), criado em 1972, e a Comissão Pró-Índio de São Paulo, fundada em 1978.

Nas décadas seguintes, inúmeras organizações indígenas foram criadas em todo o país, procurando articular a diversidade de culturas e a unidade da luta por direitos.

Em 1980, um grupo de jovens lideranças, incentivado pelos resultados positivos das assembleias, criou a União das Nações Indígenas (UNI), presidida por Terena Domingos Veríssimo e, depois, por Marcos Terena, Álvaro Tukano e Ailton Krenak. A UNI e outras organizações foram decisivas na defesa dos direitos indígenas durante a Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a Constituição, em 1988.

O crescimento das organizações indígenas e o apoio de setores da sociedade civil, desde a década de 1980, ampliaram a visibilidade das causas indígenas e denunciaram ações ilegais e a falta de assistência dos órgãos públicos. Além disso, a

nova Constituição ampliou os direitos indígenas e criou instrumentos legais para a defesa dos seus territórios. Esse novo quadro contribuiu para a melhoria das condições de vida nas aldeias e nas áreas urbanas onde muitos indígenas também viviam, fortalecendo o sentido de pertencimento étnico.

Essas mudanças provocaram um sensível crescimento demográfico das populações indígenas e a retomada de costumes, práticas rituais e línguas que haviam desaparecido ou estavam limitadas aos membros mais velhos do grupo.

Além disso, desde os anos 1990, centenas de organizações indígenas foram criadas, articulando experiências de diferentes etnias e territórios. A maior parte dessas organizações atua na localidade, a partir de organizações de aldeias e de povos específicos. Mas existem também entidades nacionais que procuram organizar as demandas comuns às mais de 300 etnias indígenas. Esse é o caso da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) que reúne, desde 2005, inúmeras entidades que sentiram a necessidade de uma representação nacional.

Crescimento demográfico

Nos anos 1950, estimava-se que a população indígena no Brasil estivesse em torno de no máximo 100 mil pessoas, após séculos de declínio causado pela colonização, por conflitos territoriais e por epidemias. A diversidade cultural também foi fortemente impactada, com muitas etnias extintas ou à beira da extinção. Nesse período, cerca de 100 etnias indígenas eram reconhecidas, enfrentando a pressão de integração forçada e a perda de suas terras tradicionais.

A partir da década de 1980, a proteção dos direitos indígenas e o início da demarcação de suas terras favoreceram o crescimento da população. Segundo o Censo de 2010, havia 896 mil indígenas, pertencentes a mais de 300 etnias, com cerca de 270 línguas faladas. Já o Censo de 2022 indicou que a população indígena ultrapassou 1,6 milhão de indivíduos, mantendo essa vasta diversidade étnica, mesmo diante de desafios como a pressão por recursos naturais e ameaças ao seu modo de vida tradicional.

Recenseador do IBGE
coletando dados de uma
moradora do Rio de Janeiro,
para o Censo Demográfico
de 2022.



Ismar Ingber/Pulsar Imagens

Gerações de lideranças indígenas



Ailton Krenak (Itabirinha, MG, 1953)

Ambientalista, filósofo, escritor e um dos mais conhecidos líderes indígenas. Na Assembleia Nacional Constituinte, em 1987, defendeu a demarcação dos territórios indígenas em um discurso que entrou para a História. É autor de inúmeros livros, entre eles *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), *A vida não é útil* (2020) e *O amanhã não está à venda* (2020).

Sônia Guajajara (Terra Indígena Arariboia, MA, 1974)

Indígena do povo Guajajara, habitantes da região central do estado do Maranhão, é formada em Letras e pós-graduada em Educação Especial. É uma das mais importantes lideranças políticas dos povos indígenas. Já foi deputada federal por São Paulo. É a primeira ministra dos Povos Indígenas.



Fernanda Kaingang (Terra Indígena Carreteiro, RS, 1978)

Formada em Direito, fez doutorado sobre patrimônio cultural, é professora, artista e escritora indígena do povo Kaingang. Ela trabalhou na Fundação Nacional do Índio (Funai) e atuou com diferentes organizações indígenas na luta pelo direito à terra. Desde 2023, é diretora do Museu Nacional dos Povos Indígenas, no Rio de Janeiro.



Daiara Tukano (São Paulo, SP, 1982)

Artista visual, comunicadora e educadora, nasceu em uma família de ativistas indígenas da etnia Tukano, de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro, no Amazonas. Defensora dos direitos indígenas, ela expressa em suas obras os valores e as experiências dos povos originários. É Mestre em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília.

Takumã Kuikuro (Parque Nacional do Xingu, MT, 1983)

Cineasta, idealizador do 1º Festival de Cinema e Cultura Indígena e fundador do Coletivo Kuikuro de Cinema. É presidente do Instituto da Família do Alto Xingu (IFAX). Tem filmes premiados em festivais nacionais e internacionais. Em 2023 foi premiado no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, com o filme *Território Pequi*. Foi curador da exposição *Xingu: Contatos*, do Instituto Moreira Salles e, com o catálogo da exposição, foi finalista do Prêmio Jabuti em 2024.



Olinda Tupinambá (Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, BA, 1989)

Indígena do povo Tupinambá e Pataxó Hã-hã-hãe, formou-se em Comunicação Social e desenvolveu seu ativismo por meio da arte da *performance* e do audiovisual. Desde então, dirigiu inúmeros documentários e filmes de ficção, foi premiada em festivais de cinema e organizou festivais de cinema indígena e mostras de filmes em todo o país.

Cristian Wari'u (Território Indígena Parabubure, MT, 1998)

Apelidado pelas lideranças indígenas de “Guerreiro digital”, Cristian, do povo Xavante, é fotógrafo e *designer* gráfico. O seu ativismo utiliza as redes sociais e as plataformas de compartilhamento de vídeos e áudios para falar sobre a diversidade dos povos indígenas, combater preconceitos e explicar como é a vida das populações indígenas no Brasil.



PESQUISA.....

Vizinhança, arrabaldes, redondezas, imediações, proximidades, tudo isso é sinônimo de “quebrada”, lugar onde se vive. Quando a gíria surgiu, indicava apenas um bairro pobre ou uma favela, mas foi incorporada à linguagem urbana de diferentes classes sociais e passou a significar também pertencimento a determinada localidade.

Para finalizar nossos estudos, você vai conhecer melhor a diversidade cultural da região onde mora e, em seguida apresentar essa diversidade para a turma ou para a escola, sob orientação do(a) professor(a). Então, para facilitar nossa vida, vamos chamar a “quebrada” de “território de pesquisa” ou de “localidade”. Essa pesquisa deverá ser feita em cinco etapas. Observe.

1ª etapa: escolher a localidade e os parceiros de trabalho

Para começar, você precisa definir qual é a sua “quebrada”, isto é, identificar os limites do seu território de pesquisa. Não pode ser pequeno demais, porque corre o risco de você não encontrar diversidade cultural nenhuma, mas não pode ser muito extenso, pois, neste caso, você terá trabalho demais e tempo de menos para conhecer as diferentes práticas culturais.

Caso você more em uma grande cidade (acima de 100 mil habitantes) sugerimos que você delimite o bairro onde você mora ou estuda – pode ser também uma comunidade menor, com limites geográficos mais definidos. Se você mora em cidades pequenas ou distritos rurais, seria ideal pesquisar o centro ou bairros centrais, onde é possível observar melhor a diversidade cultural.

Se achar interessante, poderá se juntar a dois ou três colegas: um bom número para trocar informações e partilhar experiências de aprendizado. Então, a escolha do território de pesquisa depende também de ter a concordância do grupo.

2ª etapa: levantamento das práticas culturais no território de pesquisa

No grupo, façam uma pesquisa na internet sobre espaços ligados a práticas culturais: organizações comunitárias, associações e centros culturais, bibliotecas, circos, grupos de teatro, salas de cinema, templos religiosos, organizações sindicais, clubes esportivos, equipamentos públicos (de lazer ou consumo cultural), espaço públicos autogeridos (como praças e campos de futebol), agremiações carnavalescas, entre outras. Vocês podem pesquisar também com outros moradores da região, além de utilizar a própria observação quando estiverem se deslocando para o trabalho, a escola ou alguma atividade particular.

O resultado desta etapa deve ser uma lista com o nome completo e o endereço do espaço cultural; também será útil anotar *e-mails*, telefones e perfis de redes sociais. Caso vocês tenham registrado atividades culturais itinerantes, isto é, que se apresentem em diferentes localidades, procurem pelo endereço administrativo

da sede (pode ser a casa de um dos integrantes do grupo ou, às vezes, um endereço “emprestado” de outras associações mais estruturadas).

3ª etapa: mapa colaborativo das práticas culturais

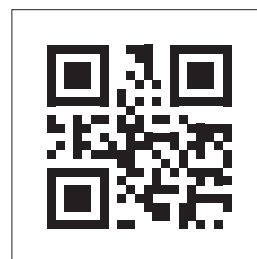
Com essa lista de nomes e endereços, o grupo precisa identificar as organizações ou práticas culturais em um mapa digital interativo. Para isso, vocês podem utilizar, gratuitamente, o Google Maps a partir do *link* a seguir.

- Visualizar seus dados em um mapa personalizado usando o Google My Maps. Google, c2025. Disponível em: https://www.google.com/intl/pt-BR_br/earth/outreach/learn/visualize-your-data-on-a-custom-map-using-google-my-maps/#personalizar-seu-mapa-2. Acesso em: 21 jan. 2025.



Outra opção é utilizar o Mapas Culturais, um *software* livre e colaborativo utilizado por milhares de agentes culturais em todo o país. Para utilizá-lo, o grupo precisa se cadastrar. O *link* abaixo fornece as orientações necessárias:

- O que é o Mapas Culturais?. Ministério da Cultura, 21 out. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/mapasculturais/o-que-e-o-mapas-culturais>. Acesso em: 21 jan. 2025.



4ª etapa: pesquisa de campo

A partir da lista inserida no mapa, selecionem duas ou três organizações culturais por integrante do grupo. Assim, se vocês estiverem trabalhando em trio, escolham até nove organizações culturais, se for um quarteto, até doze organizações. Nessa escolha, procurem valorizar a maior diversidade possível entre as organizações culturais da lista.

Com a orientação do(a) professor(a) e o coletivo da turma, preparem uma única “ficha” com os campos abertos para coletar as informações de todas as organizações culturais que serão pesquisadas. Essa ficha pode ter os seguintes campos:

- Nome completo (da associação)
- Endereço (físico)

- Redes sociais (perfis)
- Data de fundação/criação
- Área de atuação (teatro, esportes, dança, *hip-hop* etc.)
- Principais atividades (cursos, oficinas, encontros, palestras, jogos, reuniões etc.)
- História da criação ou história da organização (o que motivou as pessoas a criar essa organização e o que ela já fez?)
- Desafios, conflitos e tensões (contar um pouco os problemas enfrentados pela organização, como falta de recursos, hostilidade e preconceito de outros setores sociais ou do poder público)

Esses campos são apenas possibilidades, mas a turma pode decidir que é preciso ter outros, como telefones de contato, nomes e pequenas biografias dos principais integrantes e fundadores, *links* complementares etc. O importante é que a mesma ficha seja utilizada por toda a turma.

Com a ficha pronta, planejem quem fará as visitas para conhecer as organizações e seus integrantes. Lembrem-se de que antes da visita, é importante: a) conhecer bem as informações disponíveis nas redes sociais, para demonstrar que vocês estão interessados naquela organização e já estão por dentro; b) marcar previamente a visita, solicitando que algum integrante da organização possa recebê-los para uma conversa.

Durante as visitas, não utilizem apenas a ficha, mas aproveitem para aprofundar a pesquisa com perguntas livres e um interesse verdadeiro pelas práticas culturais daquela organização. Tirem fotos, registrem, em áudio ou em vídeo as entrevistas, peguem, se houver, panfletos ou folhetos explicativos.

5ª etapa: painel da diversidade cultural

Assim que todos os grupos tiverem terminado a pesquisa, organizem as fichas para uma apresentação em conjunto das organizações culturais. O propósito desta atividade é oferecer um amplo painel das práticas culturais dos territórios de pesquisa. Para isso, a classe deve se reunir para organizar as informações em duas frentes de trabalho:

- a. no Mapa Cultural interativo: adicionando as informações das fichas nos “pontos” indicados no mapa, para que qualquer pessoa tenha acesso ao

mapa e possa utilizar as informações para conhecer melhor as organizações culturais;

- b. em uma apresentação presencial para a própria turma ou, se possível, para a escola, por meio da oralidade e de materiais visuais. Neste caso, pode-se marcar um evento público, na forma de palestra ou roda de conversa, para convidar os demais estudantes ou até o público externo.

Dica de podcast

BEM-VIVER CRIOLA. Rio de Janeiro, [2022]. Podcast. Disponível em: <https://criola.org.br/bem-viver-criola-nova-serie-de-podcasts-do-criolapod/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Podcast com 10 episódios, criado em 2021, pela organização Criola. Em cada episódio, a equipe entrevista ativistas e pesquisadores que lutam por direitos humanos, saúde integral e o cuidado e a proteção de mulheres negras.

Referências bibliográficas

Documentos

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 22 jan. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. Paris: Unesco, 2002. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127160?posInSet=1&queryId=cca223a3-235a-48ca-9676-67e6e0c471e8>. Acesso em: 22 jan. 2025.

Livros

ALMEIDA, Djamila Ribeiro. *O que é lugar de fala?* São Paulo: Editora Letramento, 2017.

Em uma linguagem simples, Djamila Ribeiro explora o conceito de “lugar de fala” e a importância de escutar as vozes que, historicamente, foram silenciadas. O livro ajuda a entender a diversidade de experiências no Brasil, com foco em questões de raça e gênero.

FREIRE, Ana Lúcia. *As várias vozes da diversidade cultural*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

Ana Lúcia Freire apresenta, de forma acessível, as diversas expressões culturais presentes no Brasil. O livro traz exemplos práticos da cultura indígena, afro-brasileira e de outras populações, mostrando como essas culturas resistem e se mantêm vivas em um contexto de desigualdade.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Ailton Krenak compartilha reflexões sobre a relação dos povos indígenas com a natureza e com o mundo moderno. O livro é simples e direto, trazendo uma visão das culturas indígenas sobre a vida, as lutas por direitos e o futuro do planeta.

NOGUEIRA, Nalu. *Mulheres negras: A luta pela liberdade e por um Brasil sem racismo*. São Paulo: Editora Letramento, 2018.

Nalu Nogueira faz uma abordagem simples e objetiva sobre a luta das mulheres negras no Brasil, destacando a importância delas na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O livro é de fácil leitura e acessível para iniciantes.

OLIVEIRA, Joel Rufino dos Santos. *O negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Esse livro apresenta a história do negro no Brasil de forma acessível, abordando as lutas e as conquistas dessa população desde o período colonial até os dias atuais. É uma ótima introdução para quem quer entender a história e os direitos dos afrodescendentes no Brasil.

RAÇAS humanas: raça branca, pele vermelha, raça amarela e raça negra. In: *Primeiras noções de ciências físicas e naturais para uso das escolas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alvares, 1923.

WERÁ, Kaka. *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 2020.

O autor, Kaka Werá, indígena do povo Kaingang, narra a história dos povos indígenas a partir de uma perspectiva nativa. O livro destaca a importância da terra e da ancestralidade, além de abordar como as etnias brasileiras interagem com o mundo exterior.

YAMÃ, Yaguarê. *Kurumi Guaré no coração da Amazônia*. São Paulo: FTD, 2007.

A obra narra aventuras infantis e explora a cultura do povo maraguá, utilizando grafismos e símbolos indígenas. A proposta é mesclar a tradição oral com a escrita, promovendo uma compreensão simbólica da cultura amazônica

Filmes

AMARELO: é tudo pra ontem. Direção: Fred Ouro Preto. Brasil: Netflix 2020. 90 min.

O documentário analisa a presença negra na formação da sociedade brasileira, utilizando a obra do *rapper* Emicida como ponto de partida. O filme mescla imagens de arquivo, entrevistas e cenas de bastidores do *show* do *rapper* para traçar a história da cultura negra no Brasil ao longo dos últimos 100 anos.

O DIA que durou 21 anos. Direção: Camilo Tavares. Brasil: Pequi Filmes 2012. 106 min.

O filme investiga o apoio dos Estados Unidos ao golpe militar de 1964 no Brasil, revelando como a ditadura afetou as comunidades negras. Ao destacar a repressão política e a marginalização racial, o filme explora o impacto do regime militar sobre as questões de diversidade e as lutas sociais das populações negras. A opressão racial é um dos elementos centrais dessa narrativa histórica.

QUE horas ela volta?. Direção: Anna Muylaert. Brasil: Pandora Filmes 2015. 114 min.

A história de Val, uma empregada doméstica que quebra as normas sociais ao exigir igualdade no trato com a família para quem trabalha. O filme lida com os conflitos provocados pela diversidade de classe e raça no Brasil, mostrando as barreiras impostas por um sistema social desigual e como o racismo se manifesta nas relações cotidianas.

Podcasts

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Copiô, Parente*. c2020-2024. YouTube: @institutosocioambiental. Podcast. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLuEinXoI0ID-XTRboFvFPxn8gZjcQ_bhr. Acesso em: 21 jan. 2025.

Apresentado por Leticia Leite e Cristian Wariu e produzido pelo Instituto Socioambiental (ISA), o *Copiô, Parente* traz destaques da semana sobre povos indígenas e povos da floresta, direto de Brasília. Cada episódio tem duração aproximada de 20 minutos.

MANO A MANO. Locução: Mano Brown. [S. l.]: Spotify, c2025. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/OGnKiYeK11476CfoQEYIEd>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Apresentado por Mano Brown, com produção de Spotify Studios, explora temas como periferia, cultura e política, a partir de entrevistas com artistas, políticos, intelectuais negros e negras. O podcast teve duas temporadas, em 2021 e 2022, com episódios semanais.

PROJETO QUERINO. [S. l.], c2022. Podcast. Disponível em: <https://projetoquerino.com.br/podcast/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

O *Projeto Querino* é um podcast criado por Tiago Rogero, focado em revisitar a história do Brasil a partir de uma perspectiva afrocentrada, destacando figuras negras e sua contribuição para a formação do país.

Sites

BELANDI, Caio. População estimada do país chega a 212,6 milhões de habitantes em 2024. *Agência de Notícias IBGE*, [s. l.], 29 ago. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41111-populacao-estimada-do-pais-chega-a-212-6-milhoes-de-habitantes-em-2024>. Acesso em: 14 fev. 2025.

BELANDI, Caio; GOMES, Irene. Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. *Agência de Notícias IBGE*, [s. l.], 22 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 14 fev. 2025.

BRITO, Vinícius. Censo 2022: Brasil possui 8.441 localidades quilombolas, 24% delas no Maranhão. *Agência de Notícias IBGE*, [s. l.], 19 jul. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40704-censo-2022-brasil-possui-8-441-localidades-quilombolas-24-delas-no-maranhao>. Acesso em: 14 fev. 2025.

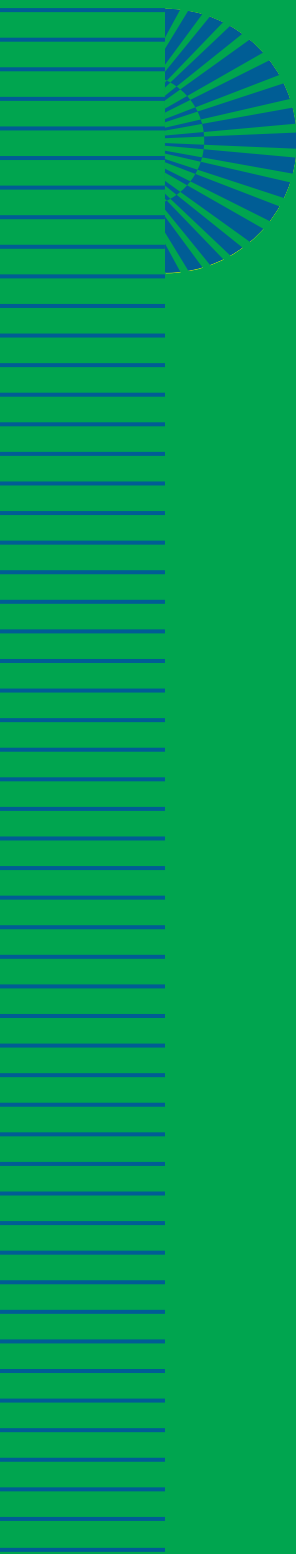
CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. Brasília, DF, [2024]. *Site*. Disponível em: <https://cimi.org.br/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

GUIRAU, Kárine Michelle; SILVA, Carolina Rocha. Povos indígenas no espaço urbano e políticas públicas. *Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas: Aproximando Agendas e Agentes*. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2013. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Pesquisa/GruposdePesquisa/participacaodemocraciaepoliticaspUBLICAS/encontrosinternacionais/pdf-st08-trab-aceito-0200-7.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. [S. l.], c2020. *Site*. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

LISTA de municípios do Brasil acima de cem mil habitantes (2022). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 12 nov. 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_do_Brasil_acima_de_cem_mil_habitantes_\(2022\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_do_Brasil_acima_de_cem_mil_habitantes_(2022)). Acesso em: 14 fev. 2025.

SIQUEIRA, Breno; BRITTO, Vinícius. Censo 2022: 87% da população brasileira vive em áreas urbanas. *Agência de Notícias IBGE*, [s. l.], 5 dez. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41901-censo-2022-87-da-populacao-brasileira-vive-em-areas-urbanas>. Acesso em: 14 fev. 2025.



O Caderno propõe uma reflexão sobre as relações entre as diversidades culturais e os conflitos que constituem a sociedade brasileira atual. A partir de um quadro contemporâneo sobre a diversidade territorial, étnica e social do país, apresentamos uma análise histórica que leva em conta os dilemas da formação social brasileira e aponta, nos fundamentos da colonização (trabalho escravizado, grande propriedade e poder), um projeto monocultural, branco e europeizante. Em conflito com esse projeto, apresentamos a história das lutas dos povos indígenas e dos movimentos negros, como forma de evidenciar as forças sociais que contribuíram, decisivamente, para assegurar a diversidade cultural que permanece como um dos eixos estruturais da sociedade brasileira contemporânea.

ISBN 978-65-83741-10-3



9 786583 741103